



Isabel Perez: dança flamenco

Adriana Zebrowskas

A gestão que se encerra

Depois do expediente, eles cantam, pintam e dançam. Pág. 12

Roberto Leal Lobo e Silva, reitor da USP



Verena Glass, membro do Diretório Central dos Estudantes



Pesquisadores avaliam assentamentos rurais em 32 municípios. Pág. 8

No próximo dia 16 de janeiro, o reitor Paulo Landim (foto) encerra seu mandato à frente da UNESP. Em entrevista às páginas 6 e 7, ele fala sobre os principais momentos dessa trajetória, como a busca por uma identidade para a Universidade, a implantação da autonomia e do novo Estatuto e a reformulação curricular. Na página 5, representantes da comunidade acadêmica discorrem sobre a administração de Landim.

Tempo bom no câmpus de Bauru

Desde o último dia 5 de dezembro, as previsões meteorológicas no Estado estão mais confiáveis. O Governador do Estado, Luiz Antônio Fleury Filho (foto), inaugurou, no Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPMet) do câmpus de Bauru, o radar Banda S Doppler, capaz de prever as condições do tempo num raio de 400 quilômetros, com margem de acerto de 90%. O evento marcou ainda a implantação do Sistema Paulista de Meteorologia (SIPMet). Nos dias 7 e 8, a Universidade assinou dois outros convênios, com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, para troca de experiências relacionadas à educação fundamental, e com a prefeitura de Capão Bonito, para a instalação de um câmpus avançado na cidade. Estes três temas serão objeto de reportagens na próxima edição do Jornal da UNESP.



Maretti Jr.

Números apontam crescimento no Vestibular da UNESP. Pág. 3

•
Instalada em seis câmpus, a Unamos chega a São Paulo. Pág. 10

Mais uma etapa cumprida

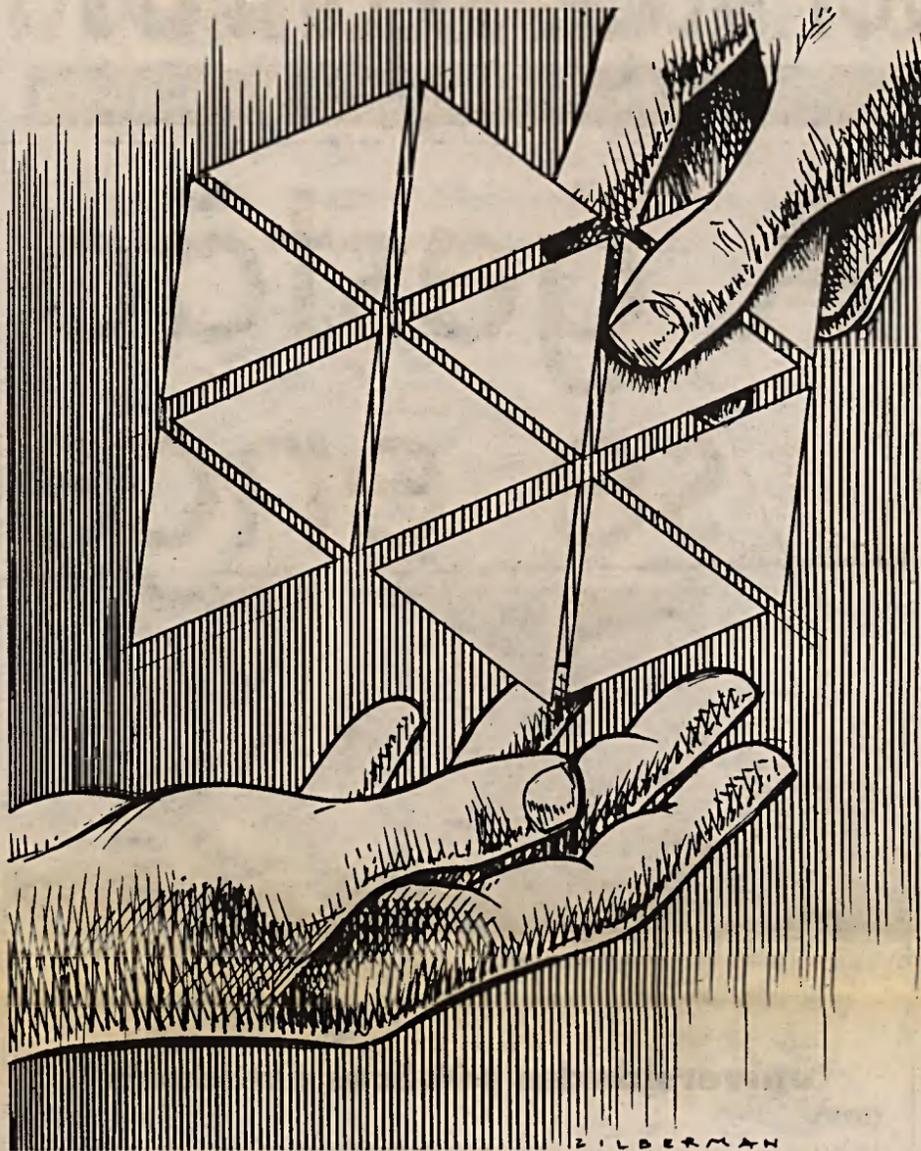
Ao analisarmos os resultados da gestão da Reitoria, cujo mandato se encerra na primeira quinzena do próximo mês de janeiro, alguns dados e fatos nos vêm à mente de imediato. Coube a essa Reitoria providenciar a implantação das profundas alterações introduzidas pelo novo Estatuto, cuja data de início da vigência ocorreu nos primeiros meses dessa administração. Ajustar os procedimentos da Universidade ao efetivo exercício da autonomia de gestão financeira, implementada em São Paulo a partir de 1989, foi também tarefa que lhe coube. Ainda, competiu-lhe administrar por quatro anos todo esse processo de mudanças, num período de permanente e dramática escassez de recursos, decorrente da insuficiência do percentual do ICMS atribuído à UNESP e do gravíssimo quadro recessivo nacional.

Contudo, dados e fatos mostram também que a UNESP atravessou sem maiores turbulências essa fase difícil e decisiva de sua história. Mostram ainda que, apesar de tudo, a Universidade cresceu academicamente, consolidou-se e firmou posição de relevo no cenário do ensino superior brasileiro. Mais, ao enfrentar coesa esse conjunto de desafios e ao empenhar-se por executar com competência as atividades que lhe são próprias nos campos do ensino, da pesquisa e da extensão, a UNESP integrou-se, definiu sua identidade, convertendo-se no mais bem sucedido modelo de Universidade multicâmpus do País.

A integração da UNESP e a busca de um perfil que a identificasse haviam sido, aliás, as metas básicas estabelecidas pela atual Reitoria em sua proposta de gestão. A construção de uma identidade pressupunha a efetiva integração dos diversos Câmpus e Unidades e esta, por sua vez, pedia o crescimento competente e equilibrado da Universidade, em todas as suas áreas de atuação. O modelo multicâmpus exigia ainda a descentralização, a ser operacionalizada sem prejuízo da integração.

A disposição de enfrentar as enormes dificuldades financeiras levou a comunidade universitária a buscar o máximo proveito dos recursos físicos e humanos disponíveis e estimulou esforços no sentido da captação de recursos externos. Dessa forma, e apesar da crise, os números relativos às atividades propriamente acadêmicas, no quadriênio, não registram, recuos ou estagnação, mas indicam nítido progresso.

Por outro lado, a conjugação de esforços com vistas ao aprimoramento das atividades de ensino, de pesquisa e de extensão contribuiu decisivamente para a intensificação do processo de integração da Universidade. Hoje, a tendência crescente no sentido da participação de docentes e pesquisadores de diferentes unidades e de Câmpus diversos em cursos de pós-graduação, em Projetos Especiais de pesquisa, em Grupos Acadêmicos e em importantes atividades de extensão, desenvolvidas sob a responsabilidade de grupos multidisciplinares, evidencia a solidez e a irreversibilidade desse processo. A propósito, é altamente significativo o fato de que os Núcleos Regionais, previstos no Estatuto, e considerados por al-



guns como um possível primeiro passo para o futuro desmembramento da UNESP em Universidades Regionais, não tenham sido ainda implantados e venham sendo considerados pela comunidade acadêmica como organismos sem função, a serem extirpados do Estatuto.

Até mesmo as várias Unidades Universitárias incorporadas à UNESP no ano imediatamente anterior ao início da atual gestão, muito distantes à época dos padrões de nossa Universidade, vêm atendendo progressivamente às condições necessárias à implantação de seus colegiados acadêmicos, nos moldes do Estatuto, e, portanto, vêm se integrando, de fato, e não apenas de direito, à comunidade unespiana.

O novo Estatuto propôs a desconcentração do poder e previu a descentralização administrativa. Em nível central, a existência de Pró-Reitorias e de três Conselhos representativos, com competências bem definidas, ao mesmo tempo em que ampliou o número de instâncias envolvidas na consecução dos objetivos visados nas áreas acadêmica e administrativa, criou condições mais favoráveis à racionalização e à otimização dos esforços voltados para o cumprimento dos fins próprios da Universidade.

Coube à atual administração montar essa estrutura, assim como lhe competiu providenciar a operacionalização do princípio de descentralização administrativa

consagrado no novo Estatuto. O processo de descentralização foi definido, encontrado em curso, e exigiu a reforma da estrutura administrativa da Reitoria, recentemente aprovada pelo CO, por proposta do Reitor, mediante alteração estatutária. A fim de adequar-se ao processo de descentralização administrativa, já desencadeado, alguns órgãos da Reitoria deixaram de ter funções executivas, passando de Coordenadorias a Assessorias. Outros ajustes igualmente necessários ao melhor funcionamento dos órgãos centrais, dentre os quais a criação de uma Pró-Reitoria de Administração, que se desvincula da Vice-Reitoria, foram também propostos pelo Reitor e aprovados pelo Conselho Universitário.

Assim, apesar da crise econômica, a Universidade não parou nos últimos quatro anos. Ao contrário, cresceu, consolidou-se e definiu o próprio perfil, com base nos parâmetros institucionais estabelecidos pelo novo Estatuto. Tudo isto evidentemente se deveu ao esforço e à coesão da comunidade universitária, cujo trabalho encontrou o necessário apoio numa administração que deixou de lado sectarismos e discriminações de quaisquer espécies, que se dispôs a ouvir a comunidade e a dialogar com seus representantes, e cujo único critério para acolhimento a iniciativas e propostas foi o do atendimento aos superiores interesses da Universidade.

SÍNTESE

A POSSE dos professores Arthur e Antonio Manoel será no dia 15 de janeiro, em sessão solene do Conselho Universitário. O que ainda não está definido é o local, uma vez que em São Paulo a Universidade não dispõe de ambiente adequado em termos de tamanho para acomodar os 78 membros do CO mais os convidados.

OUTRO ASSUNTO, esse de maior monta, sobre o qual os novos reitor e vice vêm se debruçando é a composição do chamado primeiro escalão. Eles avisam que o critério número um para a escolha dos futuros auxiliares e assessores não é o político mas sim o da competência.

QUATRO ANOS após sua encampação, o câmpus de Bauru começa não só a mostrar amadurecimento acadêmico como também a ser importante agente na consolidação da UNESP como instituição que atua em todo o Estado de São Paulo. No primeiro caso, o melhor exemplo foi a nomeação do primeiro diretor com mandato regular daquele câmpus, o professor Ivan Manoel, da FAAC, resultado da titulação docente ocorrida nessa unidade e a conseqüente constituição de Departamentos na conformidade do Estatuto. No segundo caso, foi a escolha, pelo Governo do Estado, do IPMet para coordenar o Sistema Paulista de Meteorologia (Sipmet), o que vai promover um formidável aperfeiçoamento no setor.

E A UNESP lavrou outro importante tento neste final de ano. O professor Luís Spinelli, do Instituto de Artes, está coordenando três novos projetos patrocinados pela Secretaria de Ciência e Tecnologia: o de monitoramento à visitação pública ao Palácio dos Campos Elíseos, o que vai resultar em um concurso de vídeos científicos e o que visa dar informações profissionais a estudantes de primeiro e segundo graus.

O FIM DE ANO poderá ser mais gordo para muita gente. A Coordenadoria de Recursos Humanos está concluindo a avaliação de mérito do plano de carreiras, e quem for reclassificado vai sentir os efeitos no contracheque do 13º salário. Por determinação do reitor, a nova classificação começa a vigorar em 1º de dezembro.

UM NATAL em paz, como convém ao espírito cristão, e um Ano-Novo com muita esperança, como exige a condição de brasileiro. São os votos da equipe da Assessoria de Comunicação e Imprensa a todos os leitores destas páginas.

unesp

Reitor: Paulo Milton Barbosa Landim
Vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento: Arthur Roquete de Macedo
Pró-reitor de Graduação: Antonio Cesar Perri de Corvalho
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Antonio Manoel dos Santos Silva
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Carlos Ruggiero

Jornal da UNESP

Editor Chefe: José Roberto Ferreira
Editores: André Louzos e Paulo Velloso
Redação: Denise Pellegrini, Emi Shimmo, Marcelo Burgos e Tânio Belickos
Colaboradores: Judith Meirelles, Marcelo Nicolosi (Joboticobol) e Moretti Jr. (Bauru)
Editor de Arte: Celso Pupo
Fotografia: Adriano Zebrauskas
Secretário de Redação: Vivione Fernandez
Produção: José Luiz Redini
Revisão: Francisco Morio Lourenço e Rinaldo Milesi
Tiragem: 22.500 mil exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria do UNESP, é elaborado mensalmente pelo Assessorio de Comunicação e Imprensa.

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citado o fonte.
Endereço: Ruo do Carmo, 44, 5º andar, CEP 01019, São Paulo, SP. Telefone (011) 37-4479
Composição, fotolito e impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. — IMESP



Procura por vagas continua a crescer

E estudar numa grande universidade, sem o desgaste provocado pela vida agitada das grandes cidades. A cada ano, esta opção atrai um número cada vez maior de vestibulandos paulistas. Pela quinta vez consecutiva, a procura pelos cursos oferecidos pela UNESP aumentou. No Vestibular 93, além do acréscimo de 4,9% em relação ao número de candidatos do ano passado — enquanto a USP apresentou um aumento de 0,63% e a Unicamp um decréscimo de 7,4% —, há dados novos quanto às áreas mais concorridas. As Ciências Humanas tiveram um aumento considerável, da ordem de 21%, e os cursos de licenciatura e do período noturno também tiveram sua procura aumentada.

Além de refletirem o momento de crise econômica e social no País, no qual os jovens têm tido uma participação maior nos processos políticos, esses dados apontam para o bem-sucedido processo de democratização da Universidade, prioridade da gestão Paulo Landim, que agora se encerra.

O crescimento na área de Humanas, com, por exemplo, 90% de aumento no curso de Biblioteconomia de Marília, 68% em História de Franca e 44% no de Jornalismo de Bauru (ambos noturnos), faz com que estas opções fiquem mais próximas de carreiras tradicionalmente mais procuradas na Universidade. O curso de Medicina continua sendo o mais concorrido do País, com 94 candidatas para cada uma das suas 90 vagas. Outros quatro cursos figuram entre os dez mais procurados do Estado: Veterinária de Botucatu, Odontologia de São José dos Campos e Direito, matutino e noturno, de Franca.

O crescimento dos inscritos como um todo se torna ainda mais significativo se lembrarmos os números de candidatos do vestibular de 1988, por exemplo. Naquele ano, 24.851 alunos tentaram uma vaga na Universidade. No ano passado, o número saltou para 52.083. Em 1993, o número de candidatos é de 54.634, cerca de 119% maior que em 88. “É uma questão de lógica de mercado. Um produto igual, que custe menos, é mais procurado”, compara o professor Landim, lembrando que as cidades onde a UNESP tem seus câmpus oferecem excelente qualidade de vida. O fenômeno também chama a atenção de Antônio Mário Salles, coordenador geral do curso objetivo, para quem a idéia de que os melhores cursos estão na capital é coisa do passado. “Antigamente, a meta dos vestibulandos era entrarr na USP.

Com as Ciências Humanas à frente, cresce, pelo quinto ano consecutivo, a procura pelos vestibulares da UNESP, com cinco cursos entre os mais disputados do Estado



Os exames, numa única fase: desgaste menor para o candidato

Dez cursos mais procurados nas universidades públicas estaduais

CURSO	UNIVERSIDADE	CANDIDATO/VAGA
1º Medicina	UNESP	94,90
2º Medicina	UNICAMP	94,53
3º Publicidade	USP	50,40
4º Jornalismo	USP	46,10
5º Odontologia	UNICAMP	41,42
6º Ciências da Computação	UNICAMP	40,47
7º Medicina Veterinária — Botucatu	UNESP	38,93
8º Odontologia — São José dos Campos	UNESP	36,30
9º Direito — Franca (Matutino)	UNESP	35,36
10º Direito — Franca (Noturno)	UNESP	32,04

Hoje, eles estão conscientes de que há também cursos de excelente nível no interior.”

CIÊNCIAS HUMANAS

A UNESP vem tendo aumentos de procura em seu vestibular há cinco anos, e a forma como ela é estruturada contribui muito para isso. “Um fator importante é que a Universidade atende de perto o candidato das várias regiões do Estado, que não precisa deslocar-se para ter um ensino de excelência”, afirma Carlos Vanni, diretor-presidente da Fundação para o Vestibular da UNESP, Vunesp. Nos concursos anteriores, entretanto, as Biológicas e Exatas eram sempre as responsáveis por este aumento de demanda, apesar de a UNESP sempre ter tido faculdades de grande tradição em Ciências Humanas. Restava adotar uma política que estimulasse a procura por estes cursos. E esta foi uma das metas prioritárias do reitor Landim. Para viabilizar isso, foram centrados esforços na qualificação do corpo docente, aquisição de livros e construção de moradias nos câmpus onde se concentravam os cursos de Humanas. “Desto modo, o aluno da área, que normalmente é mais carente, foi beneficiado”, explica o reitor Landim.

A professora Raquel Volpato Serbino, docente do Departamento de Educação do Instituto de Biociências do câmpus de Botucatu, lembra que o aumento das licenciaturas e cursos noturnos está diretamente vinculado à crescente concessão de bolsas para os alunos que fazem estas opções. Organizadora dos Congressos de Formação de Educadores da Universidade, que têm projeção nacional, Raquel vê nessa valorização do magistério um ponto muito positivo, mas lembra que esse fato aumenta a responsabilidade da UNESP. “A Universidade deve mostrar aos jovens que os problemas éticos do País se resolverão através da educação”, defende.

A UNESP tem atraído alunos para seus cursos de Humanas também devido a fatores externos. “A crise social e de valores e a situação política fazem as pessoas refletirem mais”, opina José Flávio Bertero, coordenador do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, que teve um acréscimo de 48% no período noturno. Em Marília, o aumento neste curso chegou a 96%, no matutino. Bertero considera fundamental também o incentivo às bolsas de iniciação científica, que dão condições mínimas para

Prazer em conhecer

Afinal, são 15 universidades diferentes, todas chamadas UNESP, ou apenas uma, que se distribui por praticamente todo o Estado? Essa é uma dúvida que pode ocorrer ao candidato menos avisado em busca de uma vaga em um dos 110 cursos oferecidos pela Universidade. É uma dúvida pertinente. De fato, a princípio não é simples entender a estrutura de uma instituição educacional de nível superior, como a UNESP, que tem o privilégio de contar com 24 unidades inseridas em 15 entre as mais importantes cidades do principal Estado brasileiro.

E foi justamente pensando neste aluno que a UNESP elaborou uma série de programas que têm em comum, entre si, o objetivo de divulgar a sua estrutura e seu modus operandi. Realizado desde 1989, o Venha nos Conhecer, por exemplo, é um evento que abre as portas de todas as

unidades para alunos do primeiro e segundo graus e cursinhos conhecerem de perto o seu dia-a-dia. Na ocasião, monitores explicam as atividades de cada departamento e mostram como funcionam os laboratórios das diversas áreas. “Nosso objetivo é fornecer subsídios para a escolha profissional e mostrar aos alunos os câmpus mais próximos a eles”, explica o professor Carlos Ruggiero, pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários.

Além do Venha nos Conhecer, o aluno conta também com dois outros aliados na descoberta



Venha nos Conhecer: divulgação da UNESP

da Universidade: o Guia do Vestibulando e o Guia das Profissões, publicados anualmente. No primeiro, ele encontra informações sobre o vesti-

bular e sobre os cursos e unidades da UNESP. No segundo, explicações detalhadas das 46 carreiras oferecidas, além de análises sobre a situação do mercado de trabalho de cada uma delas feitas por profissionais formados na própria UNESP.

Se, mesmo assim, ainda restarem dúvidas, o candidato disporá do Disque-Vestibular, uma linha telefônica especial onde terá informações como os locais de inscrição, o valor de taxas, a relação candidato-vaga de cada curso, os locais das provas, convocação e as matrículas.

O Disque-Vestibular, que funciona entre 1º de outubro e 20 de dezembro e entre 1º de fevereiro e 28 de fevereiro, pode ser acionado pelos telefones (011) 885-2424 e (011) 884-7899.

(M.B.)

que esses alunos se mantenham. "Sem isso, muitos deles não teriam condições de prosseguir com seus estudos", acredita. Para Ubirajara Rancam de Azevedo Marques, coordenador do curso de Filosofia de Marília, o bom nível do ensino é um dos principais motivos por sua procura ter aumentado em 60%. "Oferecemos uma formação diversificada e excelente estrutura didática, com professores em sua maioria titulados." Mas ele considera relevante também o fato de os profissionais de Biológicas estarem encontrando cada vez mais dificuldades no mercado de trabalho. "Houve um nivelamento entre as áreas, pois escolher uma carreira de Biológicas ficou tão arriscado quanto optar por uma de Humanas", analisa.

EXAMES

As dificuldades do mercado de trabalho fazem os alunos se preocuparem ainda mais com suas formações. "Um egresso da UNESP está habilitado a encarar qualquer emprego", entusiasma-se Luzia Rosa, 34 anos, candidata de Itápolis a uma vaga de Ciências Sociais em Araraquara. "Um profissional formado pela UNESP é muito respeitado na região", acrescenta. A opinião é compartilhada por Fábio Alexandre Bueno, 18 anos, de Ribeirão Preto, que vai tentar eliminar noventa e três candidatos no vestibular para a Medicina de Botucatu. "A UNESP é a Universidade de maior futuro no Estado", avalia Fábio, que acha que o fato de ela ser a mais concorrida é um estímulo a mais.

Os exames, que vão permitir que esses alunos façam suas carreiras acadêmicas e científicas na mais jovem das universidades públicas paulistas, também contribuem para o sucesso do seu vestibular. "O fato de eles se realizarem numa só fase desgasta menos o candidato, que terá uma avaliação global do seu desempenho", explica Carlos Vanni, da Vunesp.

O Vestibular 93 deixa claro também a consolidação do câmpus de Bauru, cinco anos após a sua encampação. Lá, os cursos de Comunicação Social, por exemplo, tiveram aumentos de procura de 44% (Jornalismo - noturno), e 32% (Relações Públicas e Radialismo - diurno). "A gestão do reitor Landim contribuiu muito para essas mudanças", elogia Ivan Manoel, coordenador do Conselho de Curso, recentemente empossado diretor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicações de Bauru. Ele ainda vê falhas no curso, mas acredita que a capacitação do corpo docente, a maioria com mestrado concluído ou em conclusão, tem propiciado o aumento de qualidade que está seduzindo os alunos. "Falta muita coisa, principalmente no que diz respeito a equipamentos dos laboratórios, mas há uma luta séria pelo aumento de qualidade."

OUTRAS CARREIRAS

Apesar da queda da procura na área das Biológicas de uma maneira geral, algumas carreiras tiveram, neste ano, aumentos surpreendentes. Farmácia-Bioquímica de Araraquara, por exemplo, teve uma procura 33% maior que no ano passado. Outros exemplos significativos: Fisioterapia de Presidente Prudente (20% de aumento), Ciências Biológicas de Bauru (24%) e Zootecnia de Botucatu (60%).

A área de Exatas também foi menos procurada neste ano. Ainda assim, alguns cursos despertaram o interesse dos vestibulandos. O caso mais relevante ocorreu na Química de Araraquara, com 72% de aumento. Mas há outros. O curso de Estatística de Presidente Prudente teve sua procura aumentada em 57%, e os cursos de Matemática de São José do Rio Preto e de Presidente Prudente (ambos diurnos) aumentaram em, respectivamente, 45% e 40%.



Vanni, da Vunesp: avaliação global



Salles, do Objetivo: bons cursos no interior

Mesmo com o decréscimo de 0,52% em relação ao ano passado, Medicina de Botucatu continua sendo o curso mais concorrido do País, na área. A diretora da escola, professora Dinah Borges de Almeida, acha que esse fato se deve a várias razões. "A tranquilidade da vida no interior, o currículo que privilegia a atualização e a tradição em pesquisa merecem ser citadas", avalia. Da mesma forma, as unidades da UNESP na Capital também viveram momentos de crescimento. O curso de Artes Plásticas do Instituto de Artes, por exemplo, teve um procura 200% maior que a do ano passado. O que demonstra de forma clara que, embora o ar puro e a vida pacata do interior sejam poderosas armas de sedução, a qualidade de ensino sempre fala mais alto aos ouvidos do vestibulando.

Marcelo Burgos

A relação candidato/vaga de cada curso

Ciências Biológicas Cursos

	1992	1993	Comparação entre os dois anos (%)
Agronomia/Botucatu	8,84	8,76	-0,90
Agronomia/Ilha Solteira	6,60	6,53	-1,06
Agronomia/Jaboticabal	7,58	6,96	-8,17
Ciências Biológicas - lic./Assis	4,00	6,60	65,0
Ciências Biológicas - lic. (N)/Bauru	8,25	10,30	24,84
Ciências Biológicas - bach.-lic./Botucatu	15,30	17,65	15,35
Ciências Biológicas - bach./Rio Claro	12,60	15,67	24,36
Ciências Biológicas - lic./Rio Claro	4,72	6,48	37,28
Ciências Biológicas - bach./S.J. Rio Preto	8,48	9,36	10,37
Ciências Biológicas - lic./S.J. Rio Preto	6,24	6,52	4,48
Ecologia/Rio Claro	9,80	3,13	-68,06
Educação Física - lic. (D)/Bauru	5,50	6,03	9,63
Educação Física - lic. (D)/Pres. Prudente	3,70	4,35	17,56
Educação Física - lic. (N)/Pres. Prudente	6,88	7,33	6,54
Educação Física - bach./Rio Claro	5,33	6,03	13,13
Educação Física - lic./Rio Claro	4,97	5,50	10,66
Enfermagem/Botucatu	14,35	14,20	-1,04
Engenharia Florestal/Botucatu	7,55	5,55	-26,49
Farmácia-Bioquímica/Araraquara	22,23	29,61	33,19
Fisioterapia/Pres. Prudente	20,05	24,25	20,94
Fonoaudiologia/Marília	15,03	14,46	-3,79
Medicina/Botucatu	95,40	94,90	-0,52
Medicina Veterinária/Araraquara	20,70	19,73	-4,68
Medicina Veterinária/Botucatu	38,53	38,93	1,03
Medicina Veterinária/Jaboticabal	26,22	23,36	-10,90
Odontologia/Araraquara	33,33	27,68	-16,95
Odontologia/Araraquara	34,79	31,80	-8,59
Odontologia/São José dos Campos	42,76	36,30	-15,10
Zootecnia/Botucatu	7,45	11,95	60,40
Zootecnia/Jaboticabal	8,67	7,58	-12,57

Ciências Exatas

Curso	1992	1993	Comparação entre os dois anos (%)
Ciências da Computação - bach./Bauru	31,17	30,57	-1,92
Ciências da Computação - bach./Rio Claro	26,90	28,33	5,31
Ciências da Computação - bach./S.J. Rio Preto	28,47	24,80	-12,89
Engenharia de Alimentos/S.J. Rio Preto	23,40	22,83	-2,43
Engenharia Cartográfica/Pres. Prudente	3,40	4,03	18,52
Engenharia Civil/Bauru	12,53	13,90	10,93
Engenharia Civil/Guaratinguetá	10,78	9,23	-14,37
Engenharia Civil/Ilha Solteira	8,38	9,73	16,10
Engenharia Elétrica/Bauru	16,60	16,28	-1,92
Engenharia Elétrica/Guaratinguetá	15,33	13,38	-12,72
Engenharia Elétrica/Ilha Solteira	12,63	11,03	-12,66
Engenharia Mecânica/Bauru	16,43	16,28	-0,91
Engenharia Mecânica/Guaratinguetá	11,19	12,26	9,56
Engenharia Mecânica/Ilha Solteira	10,98	9,23	-15,93
Estatística/Pres. Prudente	2,45	3,85	57,14
Física - lic. (N)/Bauru	4,15	4,35	4,81
Física - lic. (N)/Guaratinguetá	2,87	2,53	-11,84
Física - bach.-lic. (D)/Rio Claro	4,05	4,00	-1,23
Geologia/Rio Claro	5,10	4,67	-8,43
Matemática - lic. (N)/Bauru	4,70	6,20	31,91
Matemática - lic. (D)/Pres. Prudente	1,53	2,15	40,52
Matemática - lic. (N)/Pres. Prudente	3,88	4,38	12,88
Matemática - bach.-lic. (D)/Rio Claro	2,58	3,33	29,06
Matemática - bach./S.J. Rio Preto	2,48	2,80	12,90
Matemática - lic. (D)/S.J. Rio Preto	1,90	2,77	45,78

Matemática - lic. (N)/S.J. Rio Preto	3,40	4,88	43,52
Química-bach. (Tecnologia)/Araraquara	10,32	8,92	-13,56
Química-lic. (N)/Araraquara	4,05	7,00	72,83
Tec. Processamento de Dados (N)/Bauru	20,90	20,00	-4,30

Ciências Humanas

Cursos	1992	1993	Comparação entre os dois anos (%)
Administração Pública (D)/Araraquara	11,58	12,68	9,49
Arquitetura e Urbanismo/Bauru	19,91	20,29	1,90
Biblioteconomia (M) Marília	1,30	2,47	90,00
Ciências Econômicas - bach. (D)/Araraquara	11,10	11,80	6,30
Ciências Sociais - bach.-lic. (D)/Araraquara	2,18	2,92	33,94
Ciências Sociais - bach.-lic. (N)/Araraquara	2,32	3,44	48,27
Ciências Sociais - bach.-lic. (M)/Marília	1,40	2,75	96,42
Ciências Sociais - bach.-lic. (N)/Marília	2,88	3,75	30,20
Comunicação Social - Jomalisma (D)/Bauru	14,66	17,62	20,19
Comunicação Social - Jomalisma (N)/Bauru	10,76	15,50	44,05
Comunicação Social - Rel. Públicos/Bauru	7,66	10,18	32,89
Comunicação Social - Radiolismo (D)/Bauru	5,33	7,07	32,64
Desenho Industrial - Prog. Visual (D) Bauru	8,20	8,72	6,34
Desenho Industrial - Prog. Visual (N) Bauru	8,12	7,76	-4,43
Desenho Industrial - Proj. Produto/Bauru	6,08	5,96	-1,97
Direito (M)/Franco	50,49	35,36	-29,96
Direito (N)/Franco	32,14	32,04	-0,31
Educação Artística - hab. Artes Plásticas/Bauru	6,00	5,76	-4,00
Filosofia - lic. (N)/Marília	1,70	2,73	60,58
Geografia - bach.-lic. (D)/Pres. Prudente	2,83	2,95	4,24
Geografia - bach.-lic. (N)/Pres. Prudente	4,03	6,55	62,53
Geografia - bach.-lic. (D)/Rio Claro	3,00	3,18	6,00
História - lic. (M)/Assis	1,98	2,15	8,58
História - lic. (N)/Assis	2,75	3,55	29,90
História - bach.-lic. (M)/Franco	2,50	2,10	-16,00
História - bach.-lic. (N)/Franco	2,32	3,92	68,96
Letras - bach.-lic. (D)/Araraquara	4,53	4,58	1,10
Letras - bach.-lic. (N)/Araraquara	3,83	6,18	61,35
Letras - lic. (M)/Assis	1,95	2,97	52,30
Letras - lic. (N)/Assis	2,38	4,03	69,32
Letras - lic. (D)/São José do Rio Preto	3,64	5,48	50,54
Letras - lic. (N)/São José do Rio Preto	6,52	6,44	-1,22
Letras - tridutar-bach./São José do Rio Preto	8,91	10,97	23,12
Pedagogia - lic. (D) Araraquara	2,70	3,23	19,62
Pedagogia - lic. (N)/Araraquara	2,93	5,23	78,49
Pedagogia - lic. (M)/Marília	1,78	2,40	34,83
Pedagogia - lic. (N)/Marília	2,70	3,71	37,40
Pedagogia - lic. (D)/Presidente Prudente	2,17	2,37	9,21
Pedagogia - lic. (N)/Presidente Prudente	4,47	3,90	-12,75
Pedagogia - lic. (N)/Rio Claro	7,10	10,00	40,84
Psicologia - bach.-lic. (M)/Assis	8,38	10,45	24,70
Psicologia - bach.-lic. (V/N)/Assis	5,40	7,65	41,66
Psicologia - lic. (D)/Bauru	13,63	13,43	-1,46
Psicologia - lic. (N)/Bauru	13,53	15,73	16,26
Serviço Social (M)/Franco	3,20	2,48	-22,50
Serviço Social (N)/Franco	3,89	6,09	56,55
Artes Plásticas - bach. (M)/São Paulo	4,40	13,35	203,40
Canta - (V) São Paulo	5,80	6,00	3,44
Composição e Regência (V) São Paulo	3,70	4,55	22,97
Educação Artística - hab. Artes Plásticas	5,95	4,68	-21,34
Instrumenta-cordas - (V)/São Paulo	1,20	1,90	58,33
Instrumenta-órgão (V)/São Paulo	2,00	0,33	-83,50
Instrumenta-percussão (V)/São Paulo	3,33	4,00	20,12
Instrumenta-piano (V)/São Paulo	4,80	3,80	-20,83
Instrumenta-sopros (V)/São Paulo	1,30	1,70	30,76
Instrumenta-violão (V)/São Paulo	7,00	10,67	52,42



Gestão Landim: ética e determinação

Em oito depoimentos, colhidos entre representantes da comunidade acadêmica, um retrato do que foram os quatro anos de mandato de Paulo Milton Barbosa Landim frente à UNESP

“O professor Landim deu uma grande estabilidade política para a Universidade. Ele teve um comportamento ético e sempre foi muito acessível na relação com outras instituições, como a Fapesp. Relevante na sua gestão foi também o forte sentido ético e a autenticidade — sempre se tem a certeza de sua sinceridade, de que ele não está escondendo nada. Do ponto de vista da pesquisa, a UNESP melhorou significativamente sua qualidade, o que pode ser medido pela maior captação de recursos junto à Fapesp. A Universidade teve uma nítida ascensão nesta área durante os quatro anos em que Landim esteve à sua frente. Uma outra coisa importante a ser citada é a contribuição dele para a construção da identidade da UNESP, distribuída por todo o Estado.”

Flávio Fava de Moraes, diretor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo — Fapesp.

Marlene Bérigamo



“Os últimos quatro anos seguramente não foram dos melhores para investimentos na UNESP. Mesmo assim, foi possível manter o padrão de ensino em níveis aceitáveis. A captação de recursos extra-orçamentários não foi bem-sucedida na administração Landim, todavia não se pode debitar a responsabilidade do insucesso inteiramente à Reitoria, devendo-se levar em consideração a conjuntura do País. Durante a gestão de Paulo Landim, a Universidade, mais uma vez, hesitou em rever os regimes de trabalho, carreira docente, valorização do mérito e questões referentes ao ensino de graduação. É bom ressaltar e não esquecer que, fora da boa educação, não há salvação.”

Neivo Luiz Zorzetto, professor de Anatomia do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília e candidato ao cargo de reitor da UNESP nas eleições de 1988.

Lilo Claretto



Roberto Leal Lobo e Silva, reitor da USP.

Vidal Covilconte/folha Imagem

“A gestão do professor Paulo Milton Barbosa Landim, na UNESP, caracterizou-se pela busca do aperfeiçoamento dos cursos de graduação e dos programas de extensão voltados para a sociedade, atividades essenciais nas universidades modernas e indispensáveis num país carente de recursos e materiais como o Brasil. O professor Landim foi um reitor que soube administrar com determinação e equilíbrio no clima de grande instabilidade econômica e política que o Brasil viveu, durante os últimos quatro anos. A ele reitero, nesta oportunidade, minha estima pessoal, ao mesmo tempo que formulo votos de pleno êxito ao seu sucessor na reitoria da UNESP.”

Edson Ruiz



“Temos a convicção de que o professor Landim foi o melhor reitor de todos os que a UNESP já teve. Primeiro, por ser o mais eficiente. Depois, pelo comportamento democrático e o cuidado com a imagem externa da Universidade. E, também, por sua preocupação constante com o que a Universidade tem de mais importante, através da prioritária e contínua tentativa de preservação e qualificação dos seus recursos humanos. A forma cavalheiresca e simples de ouvir os problemas surgidos em quaisquer circunstâncias e a capacidade de processar com isenção a reflexão sobre os mesmos foram algumas de suas principais características. Além disso, o exercício pleno e competente do poder de decisão tornaram-no um dirigente extremamente claro, sereno e confiável, o que muito contribuiu para o crescimento qualitativo e para o conseqüente aumento de prestígio da UNESP frente à vida universitária brasileira.”

Márcio Rubens Graf Kuchembuck, diretor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia do campus de Botucatu.

Lilo Claretto



“A gestão do professor Landim fez com que o processo de democratização da Universidade avançasse significativamente, e a participação da comunidade, nesse período, foi sensivelmente ampliada. Ele soube respeitar o Conselho Universitário como instância máxima de deliberação, o que resultou em frutos como a eleição direta e paritária para reitor. Outro ponto positivo de seu mandato: a relação de entendimento com a USP e Unicamp, principalmente nas negociações do fórum do Cruesp. Para mim, o ponto negativo da gestão foi a falta de uma política enérgica para enfrentar a crise econômica do período.”

Lúcia Helena Lodi, ex-presidente da Associação dos Docentes da UNESP, Adunesp (1988-1992) e vice-presidente da regional São Paulo da Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior, Andes.

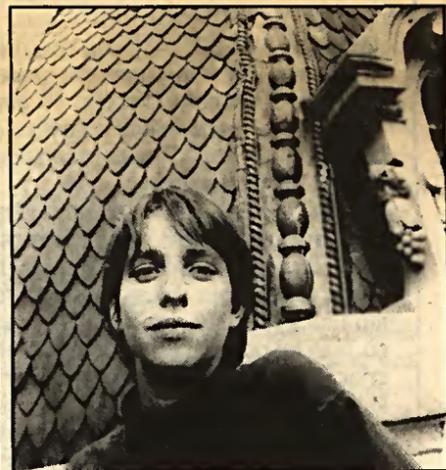
Lilo Claretto



Bel Pedrosa/folha Imagem

“Foi uma gestão acima de tudo correta, que caminhou no sentido da consolidação da autonomia de nossas universidades estaduais e com a qual nós, da Unicamp, pudemos trocar experiências positivas para o sistema universitário paulista.”

Carlos Vogt, reitor da Unicamp.



Márcio Míllia

“Existem aqueles que falam o que a gente quer ouvir, mas não ouvem o que a gente tem para falar. E têm aqueles que falam o que queremos ou não ouvir e ouvem o que queriam ou não que falassem. Certamente escolheríamos o segundo para jogar uma partida de truco. O trabalho realizado durante a gestão do reitor Paulo Milton Barbosa Landim nem sempre agradou a gregos e troianos, mas suas atitudes sempre o dignificaram. Independentemente de diferenças, aprendemos a ter um grande respeito pela pessoa do reitor, devido à sua clareza e transparência. Em diversas ocasiões ficamos decepcionados. A postura de Paulo Landim frente à questão do ICMS, por exemplo, deixou a desejar e o “Ano da Avaliação” não rendeu resultados até agora. E sua posição contrária à paridade na eleição para a Reitoria desagradou aos estudantes. Apesar disso, podemos dizer que a gestão Landim apresentou saldos positivos para o DCE. Apoio financeiro, infra-estrutural e diálogo nunca faltaram.”

Verena Glass, estudante do 4º ano da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, campus de Bauru, e membro do Diretório Central dos Estudantes.

PAULO MILTON BARBOSA LANDIM

De cara própria

No segundo semestre de 1988, o então candidato a reitor Paulo Milton Barbosa Landim percorreu os vários cantos da UNESP com uma proposta básica: achava que a Universidade precisava encontrar a sua identidade. Só assim ela poderia se firmar enquanto instituição de ensino e pesquisa em condições tanto de se aprimorar internamente quanto de ocupar lugar de destaque nos meios acadêmicos paulista e brasileiro. No final de 1992, há a unanimidade de que a meta principal da gestão do reitor Paulo Landim foi alcançada, apesar das dificuldades determinadas pela crescente escassez de recursos ao longo dos últimos quatro anos. É sobre esses e outros assuntos que o professor Landim fala nesta entrevista, no momento em que se encerra o seu mandato de reitor, o quarto na história da UNESP.

Entrevista a José Roberto Ferreira

Jornal da UNESP — *Assim que o senhor assumiu o cargo de reitor da Universidade, há quatro anos, deixou claro que uma das suas prioridades seria encontrar a identidade da UNESP. O senhor considera essa missão cumprida?*

Paulo Landim — Não tenho dúvida. Sou professor da UNESP há trinta anos, quer dizer, conheço a história de sua formação desde o princípio. E essa história foi, como todos sabemos, um processo traumático. Não foi possível estabelecer, à época da criação da Universidade, o necessário diálogo com todas as unidades e a consequência disso foi uma reação mais ou menos generalizada, uma resistência por parte das unidades em amalgamarem-se numa estrutura mais ampla, numa universidade, enfim. Os professores não viam, até há pouco tempo, a importância de pertencerem a uma universidade, e cada qual partia para a defesa de sua unidade. Na verdade, esse processo começou na gestão do meu antecessor, professor Jorge Nagle. No final do seu mandato e no início do meu, as pessoas finalmente começaram a perceber a importância de pertencer a uma universidade. Para que essa união se tornasse viável, era preciso encontrar uma cara para a UNESP, uma identidade com a qual a comunidade se identificasse, se reconhecesse. Sem essa identidade, acredito que não seria possível promover a coesão entre os membros da comunidade.

JU — *Como foi esse trabalho?*

Landim — Foi preciso buscar as características que diferenciavam a UNESP das outras instituições. Assim como a USP e a Unicamp têm as suas características próprias, um recorte que lhes dá personalidade, a UNESP também deveria ter as suas. E, no meu entender, o que diferencia a UNESP, o que a singulariza, é justamente o fato de

ela ser uma universidade multicampus. Então, se você me pergunta se, nesse aspecto, nós fomos bem-sucedidos, eu respondo que, sem dúvida, atingimos nosso objetivo. A UNESP é, hoje, a melhor experiência brasileira de universidade multicampus, com um ótimo relacionamento com toda a sociedade.

JU — *O começo de sua gestão coincidiu com a implantação da autonomia nas universidades públicas. Como foi possível conciliar essa situação com uma administração que buscava, ao mesmo tempo, sua afirmação?*

Landim — Não vejo esses dois aspectos como antagônicos. Ao contrário, a questão da autonomia facilitou em muito nossa busca por uma identidade. Com a autonomia, o destino da universidade fica totalmente em nossas mãos e passa a exigir de todos nós uma participação muito maior. A transparência da minha gestão, durante a qual comunicamos à comunidade cada passo a ser dado, acabou por dividir a responsabilidade entre todos nós. Cada membro da comunidade soube como estava a situação da Universidade, quais eram os problemas, onde o dinheiro estava sendo gasto... E, lentamente a princípio, e depois com maior rapidez, a comunidade começou a participar. Hoje, cada reivindicação, cada queixa, é muito bem pensada antes de ser formulada. Quando uma associação de docentes ou de funcionários, por exemplo, pleiteia reajuste salarial, ela está levando em conta a questão orçamentária da Universidade. Em resumo, a autonomia trouxe a todos nós uma responsabilidade que antes não existia.

JU — *Outro desafio que o senhor enfrentou logo no início de sua gestão foi a implantação do novo Estatuto da Universidade.*

Landim — A implantação do Estatuto transcorreu sem problemas em praticamente todos os seus artigos. A única exceção foi quanto ao artigo que diz respeito aos chamados núcleos regionais — esse não vingou. E houve também uma pequena alteração: decidimos pela separação da vice-

“Somos, hoje, a melhor experiência brasileira de universidade multicampus, com um ótimo relacionamento em toda a sociedade”

Reitoria da pró-Reitoria de Administração. Constatamos que, na prática, é uma carga muito grande para o vice-reitor assumir as duas funções. De um lado, teremos um vice-reitor encarregado de auxiliar e, eventualmente, substituir o reitor, e de outro, um pró-reitor dedicando-se exclusivamente à administração. De resto, acredito que não haja alterações a serem feitas, quer dizer, o Estatuto está muito bom como está e, sem dúvida, a sua implantação mostrou resultados positivos.

JU — *O Estatuto introduziu duas grandes alterações na estrutura administrativa da Universidade, que foram a criação das pró-Reitorias e do Conselho de Administração e Desenvolvimento e a ampliação do Conselho Universitário e do CEPE. Com isso, o reitor perdeu poder ou ampliou as possibilidades de interferência na vida da Universidade?*

Landim — O reitor não tem que ter poder, ele deve ter, sim, liderança acadêmica. E vai exercer essa liderança junto aos colaboradores que ele escolheu e que, depois, num processo democrático, o Conselho Universitário aprovou. E o mesmo pode ser dito em relação aos órgãos colegiados, que passaram a ter mais atribuições na condução de vida da Universidade. É importante que o reitor entenda que ele é também um executivo frente a uma empresa que tem de sobreviver e que suas decisões passam por todos esses órgãos. Se ele tiver liderança acadêmica, qualquer perda de poder não vai ter muita importância.

JU — *Outra das prioridades de sua gestão foi a reformulação e atualização dos conteúdos curriculares. Como ficou essa questão?*

Landim — Através justamente das pró-Reitorias conseguimos empreender reformulações profundas nos currículos, não só na graduação como também na pós-graduação. Acredito, inclusive, que uma das razões que explicam o aumento na procura pelo nosso vestibular são justamente essas modificações.

JU — *Como ficou a pesquisa durante estes quatro anos em que o senhor se defrontou com uma situação financeira muito difícil?*

Landim — O saldo, nesse sentido, também foi positivo. O número de bolsistas de iniciação científica, por exemplo, aumentou. Os professores estão publicando mais, o que indica um crescimento qualitativo do nosso corpo docente. No início do meu mandato, cerca de 30% dos nossos professores não tinham sequer o título de mestre. Hoje, praticamente 50% do corpo docente é formado por doutores. E tivemos ainda a criação do Centro de Estudos de Insetos

Sociais, em Rio Claro, o Centro de Estudos Ambientais, também em Rio Claro, e o Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos, em Botucatu, que também são atividades de pesquisa. E mais: em que pese todas as dificuldades do período, somos o terceiro maior cliente da Fapesp.

JU — *Como o senhor vê os programas de extensão desenvolvidos pela UNESP neste período?*

Landim — É preciso salientar que há dois aspectos: a extensão à comunidade interna e à comunidade externa. No tocante à comunidade interna, temos o plano de capacitação docente, levamos em frente a construção das moradias estudantis, começamos a implantar os restaurantes universitários, além dos vales-refeição, dos vales-transporte e dos serviços médico-odontológicos que estamos instalando em todos os campi, inclusive na Reitoria. No que diz respeito à comunidade externa, os serviços de extensão envolvem vários projetos de apoio ao ensino de primeiro e segundo graus, através dos Núcleos de Ensino e do Cepel, que ganhou sede própria, em São Vicente. Vamos assinar em breve um convênio em Capão Bonito, nos moldes do Cepel. E temos ainda o programa *Venha nos Conhecer*, o Projeto Parceria e as atividades da Assessoria de Comunicação e Imprensa, com o *Guia do Vestibulando* e o *Guia das Profissões*. Enfim, é uma gama muito grande e variada, que envolve tanto a comunidade interna como a externa.

JU — *No início de sua gestão, o senhor disse, numa entrevista ao Jornal da UNESP, que o ensino de graduação tinha atingido um nível bastante satisfatório e que era chegado o momento de se investir na pós-graduação. Qual a avaliação que o senhor faz, nesse sentido?*

Landim — Em relação à graduação, devemos nos preocupar agora com os cursos noturnos, especificamente com aqueles voltados à licenciatura. Porque essa é uma forma de ampliarmos nosso relacionamento com as comunidades onde estamos inseridos. No que diz respeito à pós-graduação, ainda há muito por fazer. Para se ter uma idéia, temos cerca de 17 mil alunos de graduação e apenas pouco mais de três mil de pós-graduação. Acredito, inclusive, que uma universidade se fortalece na medida exata em que pode oferecer mais e variados cursos

Landim — Em relação à graduação, devemos nos preocupar agora com os cursos noturnos, especificamente com aqueles voltados à licenciatura. Porque essa é uma forma de ampliarmos nosso relacionamento com as comunidades onde estamos inseridos. No que diz respeito à pós-graduação, ainda há muito por fazer. Para se ter uma idéia, temos cerca de 17 mil alunos de graduação e apenas pouco mais de três mil de pós-graduação. Acredito, inclusive, que uma universidade se fortalece na medida exata em que pode oferecer mais e variados cursos

“Hoje, cada reivindicação é muito bem pensada. A autonomia trouxe a todos nós uma responsabilidade que antes não existia”

de pós-graduação. Nesse sentido, a UNESP tem muito o que crescer, um longo caminho pela frente.

JU — *Outra de suas propostas foi a descentralização e a desburocratização na administração. Quanto se pôde caminhar nesse sentido?*

Landim — Se em qualquer universidade essas medidas são necessárias, na UNESP elas são vitais. Ou entendemos isso ou vamos empacar, não vamos nos desenvolver. A Reitoria é um órgão apenas fiscalizador, e as execuções todas devem ser feitas nas unidades. Nesse sentido, acredito, nós progredimos bastante. A própria Coordenadoria

de Planejamento, Orçamento e Contabilidade, CPOC, se modificou, com a descentralização dos orçamentos. Há um processo em andamento que propõe uma maior autonomia de gestão financeira aos diretores de unidades, para que eles possam gerenciar verbas com maior liberdade e também com maior responsabilidade. Não acho que seja atribuição de um reitor, por exemplo, atender um diretor que chega e diz: “Ah, me falta tanto para uma obra”. Não, esse diretor deve ter a sua verba e gerenciá-la de acordo com as suas prioridades. O diretor deve recorrer ao reitor para os grandes projetos e não para os atendimentos de balcão.

JU — *Como o senhor viu a organização, durante a sua gestão, de segmentos do DCE, e do Sindicato dos Trabalhadores da UNESP?*

Landim — Acho extremamente salutar a existência dessas organizações em qualquer instituição de ensino e, na medida do possível, procurei dar apoio à sua constituição. Por exemplo, se a Associação dos Docentes tinha uma sala com telefone, o sindicato e o DCE também ganharam as suas salas. Elas devem existir e, inclusive, criticar, mas não acho que devam se preocupar exclusivamente com questões salariais.

JU — *A propósito, como fica essa questão?*

Landim — Ela está equacionada. Quer dizer, sabemos que não podemos gastar 100% do orçamento com salários. Então, o que se tem de entender, agora, é qual a melhor relação: 80%, 90%? Reivindicações para fixação de datas para dissídios e percentuais incompatíveis é perda de tempo. O que vai haver, no final, é a desmoralização dessas associações. Elas devem preocupar-se com a melhor forma de atender aos seus associados e como melhor representá-los na Universidade. Não estou aqui ensinando o que elas devem fazer ou deixar de fazer. Mas decisões quanto aos salários é atribuição do Cruesp, que trabalha com um determinado orçamento. Não há como fugir dessa evidência.

JU — *E em relação ao DCE?*

Landim — Sinto que, hoje, diferentemente de há alguns anos, o estudante está bastante preocupado com a sua formação. Independentemente da situação política, a questão da formação tem sido a sua preocupação básica. Então, imagino que durante os próximos anos vamos ver esses alunos reivindicando coisas simples e plausíveis: que o professor esteja na sala de aula na hora marcada e que dê a sua matéria, que cumpra o regime de tempo integral. No Conselho Universitário, por exemplo, são cada vez mais frequentes perguntas como essa: se o aluno que não comparece às provas, por exemplo, é reprovado, por que esse mesmo princípio não é aplicado aos professores? E os alunos têm razão. Acho muito importante esse processo de conscientização, e os professores devem prestar atenção nele.

JU — *Até onde pôde-se perceber, não houve grandes conflitos na sua convivência com as lideranças dos três segmentos.*

Landim — O princípio básico que norteou minha relação com as entidades representativas dos três segmentos foi o respeito e a sinceridade. E, na medida em que houve reciprocidade, os problemas foram sendo resolvidos. Nem sempre, é claro, o que eu tenho para dizer é o que eles querem ouvir. Mas não fico com divagações, do tipo “amanhã a gente vê”. Não. Digo logo se

é ou não possível, se posso ou não fazer ou, até, se quero ou não fazer. Porque, convenhamos, o reitor também tem direito a ter as suas opiniões. Vou dar um exemplo: acho que o Regime de Atividade Acrescida, RAA, da maneira como estava sendo conduzido, não tinha sentido. Então, falei isso e coloquei o assunto em discussão no CO. Foi sempre assim: discutimos embasados em argumentos, sem nunca perder a objetividade e sem nunca tentar usar o poder de reitor para interferir. Acho que nossa convivência pacífica se deve a esses fatos.

JU — *O fato de o senhor ter respondido, como reitor, pelo destino da Universidade*

é ou não possível, se posso ou não fazer ou, até, se quero ou não fazer. Porque, convenhamos, o reitor também tem direito a ter as suas opiniões. Vou dar um exemplo: acho que o Regime de Atividade Acrescida, RAA, da maneira como estava sendo conduzido, não tinha sentido. Então, falei isso e coloquei o assunto em discussão no CO. Foi sempre assim: discutimos embasados em argumentos, sem nunca perder a objetividade e sem nunca tentar usar o poder de reitor para interferir. Acho que nossa convivência pacífica se deve a esses fatos.

“Se em qualquer universidade a desburocratização é necessária, na UNESP ela é vital. Ou entendemos isso ou vamos empacar”

durante todos esses anos chegou a mudar alguma coisa no cidadão Paulo Landim?

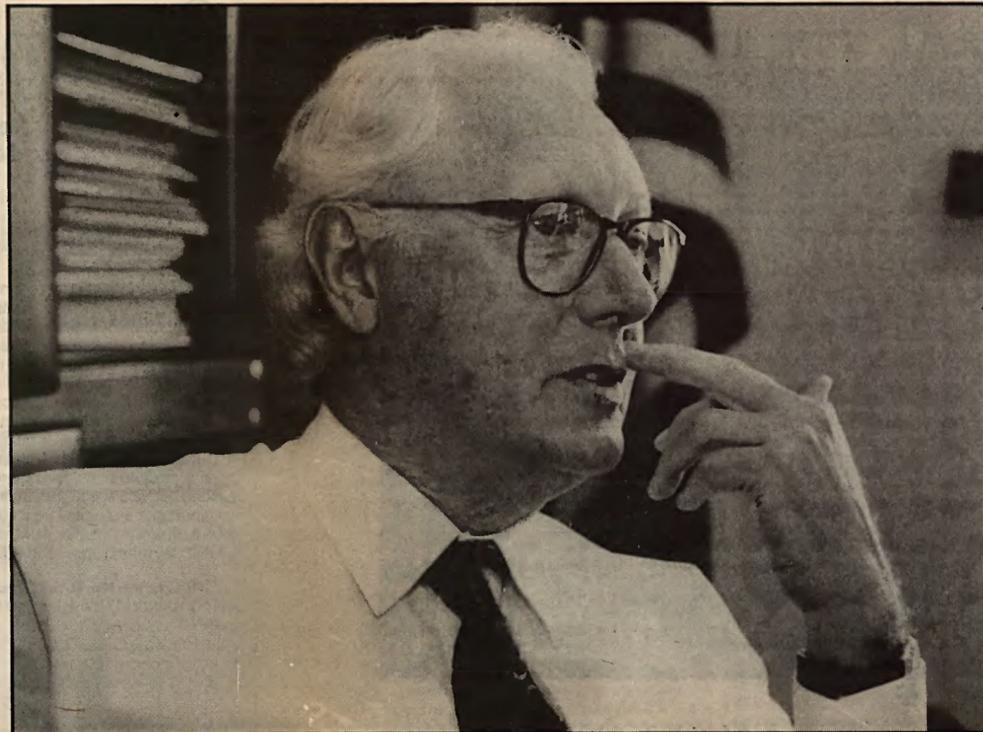
Landim — Essa é uma questão complexa. Vou deixar aqui o testemunho da minha mulher: ela acha que eu fiquei muito mandão, que não tenho tido paciência para ouvi-la ou então que quero ver as coisas resolvidas rapidamente. E acho que ela tem razão. Como reitor, tem-se uma equipe que nos auxilia a resolver os problemas, secretárias, assessores... E, depois, para uma gestão realmente objetiva, você tem que focalizar certos problemas, eleger algumas prioridades em detrimento de outras. Então, corre-se o risco de transferir para a vida pessoal alguns desses comportamentos. Posso ficar concentrado em determinados aspectos da minha casa e desprezar outros, que talvez sejam tão importantes quanto. É um perigo, realmente. Tenho que colocar na cabeça, de forma muito clara, que dia 15 de janeiro eu termino meu mandato e volto a lecionar lá em Rio Claro. Mas eu tenho a impressão de que saberei me conduzir depois da transferência do cargo.

JU — *Há algum plano para depois de janeiro?*

Landim — Algumas pessoas me têm feito essa pergunta. O que fazer depois que se ocupou cargos como chefe de departamento, diretoria de unidade, vice-Reitoria e Reitoria? E agora? Não vou me aposentar, mas também não pretendo participar nem de reunião de departamento. O que foi possível fazer eu fiz. Agora, vou ser só professor. Acho que nada é mais difícil do que ser professor.

JU — *Uma palavra à comunidade?*

Landim — Mesmo durante o episódio de outubro passado, com a questão do percentual do ICMS, quando havia um clima de contestação mais ou menos generalizado, a figura do reitor foi preservada. Eu pude sempre contar com a colaboração da comunidade e, hoje, posso ir a qualquer campus da Universidade que, tenho certeza, se- rei sempre bem recebido. Isso é uma coisa que me deixa muito satisfeito. Todo esse tempo, esse esforço resultou numa experiência muito rica, muito boa. Estou tranquilo.



Ailton Lacerda

TERRA DIVIDIDA

Privilegiada por sua localização no interior do Estado, a UNESP resolveu se aprofundar no estudo do homem do campo. Pela primeira vez, 31 professores de sete câmpus da Universidade e 52 bolsistas do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) se debruçaram sobre um único projeto: a análise e avaliação dos assentamentos de trabalhadores rurais em 32 municípios do Estado. "Essa foi a primeira experiência multidisciplinar e multicâmpus da Universidade", comenta a professora Vera Lúcia Botta Ferrante, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) de Araraquara e uma das coordenadoras do projeto. O Instituto de Terras (Itesp), sucessor da Secretaria Estadual de Assuntos Fundiários, e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) estão interessados no trabalho, que poderá dar subsídio para a elaboração de uma futura política de reforma agrária.

"Estamos em fase de namoro com a UNESP", afirma Juvenal Boller, coordenador do Itesp. O Instituto encomendou à Universidade um mapeamento aéreo do Pontal de Paranapanema, área de disputa litigiosa no extremo oeste do Estado. Através desse trabalho, o governo começou a fazer neste ano a regularização fundiária das terras para distribuí-las aos assentados. "Já temos ações que foram impetradas na Justiça para a devolução das áreas invadidas", afirma ele. O projeto, no entanto, tem características mais amplas do que o estudo pedido pelo governo. A idéia do trabalho, iniciado em 1987, é fazer uma avaliação dos projetos de reforma agrária e dos assentamentos que foram implantados no Estado desde os anos 50 até 1987. Nesse sentido, Vera Botta garante que o projeto da UNESP é pioneiro. "Nenhum órgão reuniu, num único trabalho, um estudo multidisciplinar de todos os assentamentos."

A primeira parte do projeto — que contou com o apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e da Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (Fundunesp) — compreende o censo e o levantamento do perfil sócio-econômico de 39 assentamentos que já existiam em torno dos câmpus de Araraquara, Botucatu, Ilha Solteira, Jaboticabal, Marília, Presidente Prudente e Rio Claro. O censo está praticamente pronto. Os dados finais estão sendo processados no computador. A proposta, segundo Vera, é publicar os números do censo num boletim co-editado pela Associação Brasileira de Reforma Agrária (Abra) e a Editora UNESP.

Depois de cinco anos de trabalho, o principal objetivo dos pesquisadores foi montar um banco de dados que retratasse com fidelidade a situação dos assentados. "Quando a pesquisa estiver concluída, as informações estarão à disposição de qualquer órgão", observa Sônia Bergamasco, da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA) de Botucatu, que divide com a professora Vera a coordenação do projeto. A superintendente do Incra em São Paulo, Wilma Kummel Lowande, lembra que já foram utilizadas pesquisas da UNESP sobre assentamentos para a elaboração do Plano Nacional de Reforma Agrária, lançado em 1985. "Isso poderá acontecer de novo, para que possamos viabilizar o Programa da Terra lançado este ano pelo governo federal, que preten-



Auxílio técnico e social aos assentados: estudo multidisciplinar

de assentar mil famílias no País até 1994", diz Wilma. "Mas precisamos de instrumentos legais para a desapropriação das terras e estamos aguardando, nesse sentido, dois projetos que estão tramitando no Senado."

PESQUISA COLETIVA

Uma equipe multidisciplinar de pesquisadores, formada por agrônomos, cientistas sociais, economistas, geógrafos, historiadores, médicos e pedagogos — que já estava estudando isoladamente o assunto — elaborou um formulário com mais de 200 questões, que foi distribuído a 3.200 famílias de assentados. O perfil das famílias foi feito entre 1988 e 1989 e os dados estão sendo reatualizados. O projeto foi dividido em dois grandes subprojetos ligados às áreas de educação e saúde e, dentro desse quadro, professores e alunos desenvolveram 25 subprojetos explorando outros aspectos. "O retorno ao projeto principal será muito rico, já que teremos abordagens pedagógicas diferentes", declara a professora Dul-

ce Whitaker, coordenadora do programa de educação nos assentamentos.

Há um consenso entre os professores de que a pesquisa tornou-se um canal para a reindicação dos sem-terra. Além de prestar assessoria às organizações responsáveis pela instalação das famílias, como o Movimento dos Sem-Terra e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a UNESP chegou a emprestar maquinário agrícola, fornecer mudas e sementes aos assentados e ajudar na alfabetização de adultos nos núcleos. Os pesquisadores do câmpus de Jaboticabal, por exemplo, deram cursos técnicos de manejo agrícola aos trabalhadores rurais e, em Rio Claro, os docentes ajudaram o governo a fazer o levantamento das terras produtivas. Sônia afirma que no começo do ano a Prefeitura de Sumaré, município próximo a Campinas, empenhou-se em expulsar 53 famílias que estavam acampadas no local, para construir no lugar casas populares. "Tivemos de intervir para evitar isso", lembra a professora.

Outra característica importante do projeto foi a produção científica e a formação de jovens pesquisadores. Desde o começo dos trabalhos, foram publicados 32 artigos em revistas científicas, três livros, 71 pesquisas apresentadas em congressos científicos e foram produzidos quatro filmes de divulgação, entre outras atividades. Os alunos, por sua vez, concluíram vinte monografias e apresentaram 37 trabalhos em Congressos de Iniciação Científica. De acordo com a professora Teresinha D'Aquino, coordenadora da equipe de pesquisadores do câmpus de Marília, foi firmado ainda um convênio entre a UNESP e o Centro de Estudos Brasil-Contemporâneo da Universidade de Sorbonne, em Paris. "Eles estão interessados no nosso trabalho e querem cooperar com a pesquisa", ressalta Teresinha.

A crise econômica pela qual passa o País está expulsando os trabalhadores assalariados para o campo. Essa é a conclusão da professora Vera Mariza de Miranda Costa, responsável pelo estudo sócio-econômico dos assentamentos. Ela afirma que existe uma nova categoria entre a população rural: os "chegantes". "São pessoas que ficaram desempregadas na cidade e procuram uma solução mais barata para viver", explica. A técnica Maria Judith Magalhães Gomes, do Departamento de Assuntos Fundiários (DAF), vinculado ao Itesp, concorda com a pesquisadora. Segundo ela, o Movimento dos Sem-Terra e a Comissão Pastoral da Terra são organizações fortes no Interior e, normalmente, são canais para a invasão de terras ociosas. "Com a crise na cidade, esse movimento está crescendo", constata.

De acordo com os dados do Itesp, existem cerca de 3.500 famílias espalhadas por 34 assentamentos em áreas desapropriadas pelos governos federal e estadual e 2.574 famílias acampadas em terrenos públicos e particulares. A análise econômica e histórica dos assentamentos feita pelo economista Sérgio Pereira Leite, ex-professor da UNESP e atual pesquisador do Instituto Brasileiro de Análises Sócio-Econômicas (Ibase) do Rio de Janeiro, revela que em 26 assentamentos houve con-



D'Aquino (primeira à esq.) e equipe: convênio com a Universidade de Sorbonne



Alunos apóiam assentados

Estudantes da UNESP oferecem ajuda às 750 famílias que há quatro meses ocupam a Fazenda Guarani, próxima a Jaboticabal



Borsari: questionar e aprender

Pradópolis, madrugada de 22 de setembro. A situação é tensa. Os posseiros encarregados da segurança das famílias que ocupam a Fazenda Guarani, propriedade da Fepasa, não preparam o olho, acompanhados de perto por onze alunos da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal, distante 30 km do acampamento. Solidários, os estudantes permaneceram no local a fim de mediar eventuais confrontos com a polícia. Naquele dia, vence o prazo de mais uma liminar e o acampamento deveria ser despejo. Na manhã seguinte, alívio geral: nem polícia nem despejo. O prazo fora dilatado por mais vinte dias. Mera formalidade. No dia 5 de outubro, os posseiros receberiam a notícia de que, finalmente, lhes seria dado um pedaço de terra.

Mas o apoio dos estudantes continua sendo bem-vindo pelas cerca de três mil pessoas que desde o dia 21 de agosto desse ano ocupam a Fazenda Guarani, mais conhecida como Horto Florestal Guarani devido ao grande bosque de eucaliptos espalhado por seus 4.670 hectares. Oriundas de diversas cidades do interior do Estado de São Paulo, as 750 famílias estão cadastradas junto ao Movimento dos Sem-Terra. "Somos todos de origem rural e estamos cansados de enfrentar a vivência subumana da cidade", afirma Elisabeth Silva, da Comissão de Imprensa dos Posseiros. "Queremos fazer nossa vida na terra, não na favela".

ORIENTAÇÃO TÉCNICA

Instalados em barracos rudimentares construídos em madeira de eucaliptos e lona, os posseiros usam de criatividade e disciplina para coordenar tarefas. E todos têm o que fazer. "Aqui ninguém fica sem trabalhar. E vamos continuar assim. Gostaríamos de que o Governo olhasse por nós, trabalhadores da terra", comenta Elisabeth, mostrando uma faixa do terreno sendo preparada para o plantio de arroz.

Judith Meirelles

flitos de terra. "No governo Montoro houve planejamento para a ocupação das terras, através de desapropriações para fins de utilidade pública, prática que foi abandonada nos governos posteriores", afirma Leite.

CONFLITOS E POLÊMICAS

No campo, quem vive da terra não quer mais trabalhar como assalariado. É o caso de Antonio da Silva, de 46 anos, ex-bóia-fria que há quatro anos mora com a família numa área de 80 mil metros quadrados — a 35 quilômetros de Promissão, a noroeste do Estado — e que foi desapropriada pelo Incra depois que 76 famílias invadiram a região. Mesmo levando uma vida precária, morando numa casa de sapé, abastecida por água de poço e iluminada por lampião a gás, Silva não se arrepende da escolha. "Tenho terra para plantar e dinheiro bastante para sobreviver", diz. A renda lhe provém de seis mil pés de maracujá que ele, a mulher Maria Estela, a filha Luciane, de 10 anos, e a cunhada Angelina, de 25 anos, colhem, limpam e encaixotam todos os dias. "Não sabemos o que é sábado e domingo", afirma Maria Estela.

José Martins, também um ex-bóia-fria de Campinas, descobriu uma maneira mais rentável de explorar a terra. Morando na Fazenda Reunidas, o maior assentamento do Estado, a 30 quilômetros da agrovila de Promissão, Martins resolveu montar uma cooperativa com mais 40 famílias. Cada família arrendou seis hectares para a sociedade, que faz a distribuição das culturas e ensina a manejar o solo. "A idéia é produzir milho, arroz e algodão", afirma ele. A cooperativa já tem um "kit" de irrigação, um trator, 20 sacos de sementes de feijão e conseguiu montar uma cozinha comunitária e uma escola. As famílias têm água encanada de um poço e a iluminação é feita por lampião. "Mas quando alguém fica doente precisamos dormir em Promissão, já que aqui não temos médico", afirma a mulher, Ana Rita, mãe de três filhos que já tiveram esquistossomose.

Próximo da cidade de Mirante de Paranapanema, no extremo oeste do Estado, 350 famílias resolveram abandonar a vida pobre de empregados do campo para tentar a sorte como donos da terra. Há um ano, invadiram uma área do Pontal de Paranapanema e montaram um acampamento à beira de uma antiga estrada de ferro da Fepasa. "Ganho muito pouco como bóia-fria", reclama Juscelino Lopo da Costa, de 50 anos, que veio do sul de Minas para tentar vida nova em São Paulo. "Quero ter minha própria terra", diz.

A briga na Justiça pela posse das terras

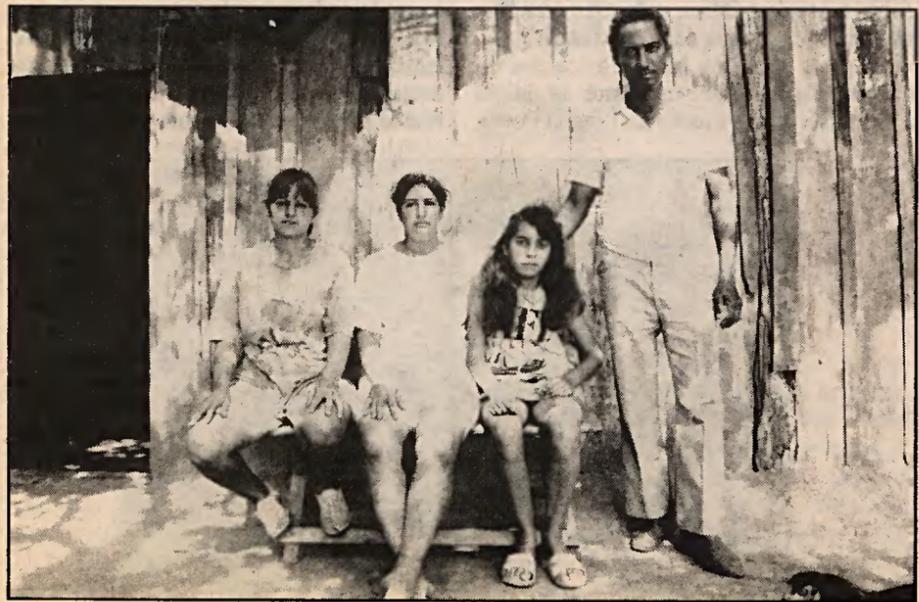
do Pontal se arrasta há mais de trinta anos. A área de 66 mil hectares, antes usada como reserva florestal do Estado, foi invadida por grileiros, que arrendaram as terras a latifundiários que, por sua vez, reagem com violência às invasões. Para acabar com o conflito, o Estado já tem em mãos o mapeamento aéreo de 227 propriedades do 11º perímetro da região feito pelos professores da UNESP. "Estamos dando apenas o respaldo técnico para o Itesp efetuar as desapropriações", explica o professor Erivaldo Antônio da Silva, do Departamento de Cartografia do câmpus de Presidente Prudente.

A grande polêmica do projeto diz respeito aos objetivos da reforma agrária. No caso das áreas desapropriadas para fins de utilidade pública, o governo estadual determina que só pode ficar na terra aquele que produzir em pelo menos 50% do terreno e morar no local. Por outro lado, a única assistência que o Estado presta às famílias é quanto a orientação agrônômica. "Estamos mais preocupados com a questão produtiva do que com a social", afirma a técnica Maria Judith, do Itesp. Ela explica que cada grupo de 125 famílias é assistido por um agrônomo e dois técnicos agrícolas que ajudam também a implantar a infra-estrutura na região.

Mas algumas iniciativas do governo vêm arrancando elogios da equipe de pesquisadores. Segundo o coordenador do Itesp, Juvenal Boller, foi assinado, no começo do ano, um termo aditivo para aquisição de terras com o Incra, no qual vai ficar à disposição do governo estadual uma verba de 30 milhões de dólares para assentar cerca de mil famílias. "Atualmente, o governo do Estado está mais preocupado com a população rural do que antes", diz Sônia.

Alguns resultados estão na ponta do lápis. No ano passado, através do crédito rural da Nossa Caixa e do Banco do Brasil, foi viabilizado um financiamento para o plantio em 7.074 hectares. Esse ano, com a participação do Banespa, que ofereceu as mesmas condições de pagamento concedidas pelo Programa de Crédito Especial de Reforma Agrária (ProCera), com juros de 3% ao ano, foi possível financiar o plantio em 13.079 hectares. Isso significa que, das 3.500 famílias assentadas, 1.300 receberam financiamentos para cultivar a terra. Segundo informações do Itesp, dos 64 mil hectares onde foram implantados os assentamentos, 38 mil hectares — que correspondem a 60% — são terras cultiváveis. "Apenas 5% dos agricultores não conseguem pagar o financiamento", diz Boller.

Tânia Belickas



O ex-bóia-fria Silva, com a família: "Agora temos terra para trabalhar"

Um modelo de organização.

"Não queremos guerra, queremos terra." Faixas com dizeres como esses, estendidas nos limites do acampamento da Fazenda Guarani, dão o tom exato do que pretendem os posseiros. Desconfiados, eles mantêm as duas guaritas de acesso ao local estreitamente vigiadas. Aliás, regra é o que não falta no acampamento. Aquele "traguinho" no final do dia, por exemplo, só se for na cidade. E quem, por acaso, voltar de pileque fica na guarita até o "fogo" passar. Mesmo estando à beira de um lago convidativo, a pesca só é permitida depois das 17h30 ou nos finais de semana. Elaboradas pelo Movimento dos Sem-Terra e aperfeiçoadas por movimentos anteriores, essas regras permitem que a convivência entre as 750 famílias seja pacífica e produtiva.

Entre os acanhados barracos, dois merecem destaque: as duas igrejas, uma evan-

gélica e outra católica. "Já veio até padre rezar missa aqui", comenta Elisabeth Silva. A água utilizada pelos posseiros vem de poços artesanais feitos por eles mesmos e os banheiros foram toscamente construídos em casinhas com fossas. Na hora da "bóia", quem não tem condições de cozinhar na própria barraca conta com uma cozinha comunitária. Há, também, um depósito para guardar mantimentos, que vão sendo distribuídos conforme as necessidades de cada família. Desde que começou a ocupação, três bebês já nasceram no acampamento. Segundo Betina Wizenier, aluna do último ano de Agronomia do câmpus de Jaboticabal, é importante notar que o movimento também apóia as mulheres. "Famílias chefiadas por mulheres recebem o mesmo tratamento e produzem tanto quanto as outras", comenta.

J.M.



CEPEL

A Universidade na Baixada Santista

Em quatro anos de atividades, comemorados no último dia 25 de novembro, o Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista (Cepel), da UNESP, cresceu e tornou-se um importante órgão consultor de oito Prefeituras da região: Guarujá, São Vicente, Santos, Cubatão, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe. Fôlego é o que não falta à reduzida equipe de quatro professores, requisitada para os mais diferentes tipos de trabalho — da elaboração de censos escolares à organização de debates sobre a violência contra o menor e problemas sócio-econômicos dos municípios. “O segredo do nosso sucesso é a promoção de seminários e palestras com assuntos de interesse da região”, explica a professora Myrna Thezinhá Rossi Rego, coordenadora do Cepel.

Depois de vários anos ministrando palestras e cursos em salas de aula e espaços cedidos pelas Prefeituras nos finais de semana ou no período de férias, os pesquisadores do Cepel finalmente terão sua sede própria em São Vicente: um prédio de 800 metros quadrados de área construída com inauguração prevista para o próximo dia 8 de janeiro. No dia 22 de janeiro, o prefeito do município, Luís Carlos Pedro, vai instalar no Cepel o Fórum de Desenvolvimento da cidade. Além disso, será transferida para o novo prédio a única biblioteca existente em São Vicente, com 1.500 títulos. Myrna lembra que, nesses quatro anos, foram ministrados 60 cursos de aperfeiçoamento, todos gratuitos, referentes aos currículos de primeiro e segundo graus para professores de várias cidades litorâneas. E isso não é tudo: o Cepel finaliza um projeto iniciado há três anos sobre o resgate



Myrna, do Cepel: quatro anos de atividades

da memória da Baixada Santista.

A mais recente conquista do Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista foi a assinatura de um convênio com a Marinha, no último dia 2 de dezembro, que prevê a doação de uma área de 128 hectares de mata localizada na praia Paranapuã, em São Vicente. A Marinha continuará fazendo a guarda da área, mas o acesso deverá ser controlado pela UNESP, que pretende inaugurar, no dia 29 de janeiro, a Estação de Pesquisa e Educação Ambiental de Paranapuã. “A área ficou fechada durante quinze anos”, afirma Myrna. “E lá existem espécies de crustáceos que ainda são desconhecidos pela ciência.”

CONCURSOS

Prêmios a jovens cientistas

A Fundação Roberto Marinho, o Grupo Gerdau e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) vão premiar a Saúde. Até o dia 31 de janeiro estarão abertas as inscrições para o Prêmio Jovem Cientista 1992, cujo tema é “Qualidade dos alimentos e saúde do homem”. Poderão concorrer pesquisas referentes ao melhoramento de espécies para a alimentação humana desenvolvidas por profissionais graduados de até 40 anos e também estudantes de até 30 anos, de escolas técnicas e universidades. Os trabalhos devem ser enviados para a sede do CNPq — SEPN 507, Bloco B, 3º andar — CEP

70740-901, Brasília-DF. Maiores informações pelos telefones (051) 330-2936 ou (021) 273-3377 R. 23 ou 56.

INVENÇÕES

Atenção, inventores! O Serviço Estadual de Assistência aos Inventores (Sedai) está promovendo o XX Concurso Nacional do Inventor Brasileiro — Prêmio Governador do Estado. O vencedor leva o prêmio de Cr\$ 80 milhões. Os interessados poderão concorrer com mais de um invento. As propostas deverão ser encaminhadas até o dia 30 de dezembro ao Sedai — Av. Angélica, 2.632, 7º andar, São Paulo, telefone (011) 258-0320.

DESBUROCRATIZAÇÃO

Reforma administrativa altera Estatuto

No ano que vem, a Vice-Reitoria da UNESP será desvinculada da Pró-Reitoria de Administração e Desenvolvimento. A medida faz parte da reforma da estrutura administrativa da Reitoria, apresentada pelo professor Paulo Landim e aprovada em reunião do Conselho Universitário (CO) realizada no último dia 26 de novembro. As propostas de alteração do Estatuto da UNESP vinham sendo discutidas junto à comunidade desde julho passado. “A experiência administrativa dos últimos quatro anos mostra a necessidade de se promover mudanças na estrutura da Universidade”, declara Ana Maria Martinelli Bavaresco, assessora técnica do Gabinete do Reitor. “A retificação faz parte do processo de descentralização administrativa, que visa dinamizar e desburocratizar todos os processos dentro da Universidade.”

As reformulações sugeridas pelo reitor Paulo Landim têm por objetivo adequar os cargos às reais funções, ajustando a estrutura da UNESP à realidade e às necessidades da instituição. No processo de revisão do Estatuto, alguns órgãos da Reitoria devem deixar de ser executivos para se tornarem assessorias, a exemplo das Coordena-

dorias Geral de Informática e Planejamento. Por sua vez, órgãos criados pela Resolução 50, como a Assessoria de Comunicação e Imprensa, a Assessoria de Planejamento Estratégico e a de Relações Internacionais deverão ser incluídos no Estatuto da UNESP.

A medida exigirá ajustes na composição e na presidência dos Conselhos Superiores da Universidade. O pró-reitor de Administração e Desenvolvimento deve assumir a Presidência do Conselho de Administração e Desenvolvimento (Cade). Ao vice-reitor caberá a presidência do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (Cep), cuja vice-presidência será alternadamente exercida pelos pró-reitores de Graduação, Pós-Graduação e de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários.

A solicitação de alteração do Estatuto da UNESP está sendo encaminhada ao Conselho Estadual de Educação. Para ser viabilizada, a proposta deverá ser aprovada pela Secretaria de Governo através de um decreto. “Espera-se que a medida passe a vigorar já a partir do início do próximo ano”, comenta Ana Maria.

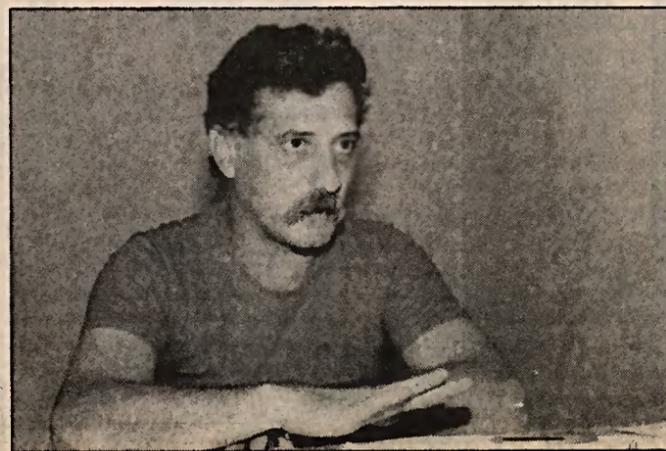
PUBLICAÇÃO

Apoiando o ensino básico

Os professores do ciclo básico das redes estadual e municipal de ensino têm mais um instrumento para melhorar o desempenho dentro da sala de aula. No início de novembro foi lançado o segundo número dos *Cadernos dos Núcleos de Ensino*, da UNESP, com 55 páginas, editado pela Reitoria, reunindo pesquisas relacionadas ao ensino de primeiro grau feitas por professores e alunos dos cursos de graduação e também por docentes da rede pública. Dando continuidade aos estudos e investigações sobre a escola pública, esse exemplar traz pesquisas que tratam da relação entre a universidade e o ensino básico, as causas do fracasso escolar entre os alunos de quinta a oitava séries e o ensino da Língua Portu-

guesa no primeiro grau, entre outros temas.

De acordo com o professor Odair Sass, membro da coordenação geral dos Núcleos de Ensino, esse trabalho é pioneiro. “Através dos estudos dos treze Núcleos espalhados pela maioria dos câmpus da UNESP, contribuimos de maneira sistemática para a melhoria do ensino de primeiro e segundo graus”, afirma ele. A próxima edição do caderno, que deverá ser publicada no começo do ano que vem, vai traçar um perfil do professor da escola pública. O segundo número do caderno pode ser encontrado nos Núcleos de Ensino da Universidade nas Delegacias de Ensino dos municípios ou pode ser pedido através do telefone (011) 32-7171, Ramais 1124 ou 1125, com Linda Lessa.



Sass, dos Núcleos de Ensino: pioneirismo



DESTAQUE

EXTENSÃO

Cidadão jaboticabalense

• A Câmara Municipal de Jaboticabal entregou, em sessão solene realizada no último dia 27, o título de Cidadão Jaboticabalense ao reitor da UNESP, professor Paulo Milton Barbosa Landim.

Um dos responsáveis pela outorga do título, o professor de Educação Física do câmpus de Jaboticabal, vereador Moacir Pazeto, comenta o crescimento do câmpus durante a gestão Landim e os conseqüentes reflexos benéficos desse fato sobre a cidade: "Nosso município beneficiou-se muito com o desenvolvimento da UNESP de Jaboticabal, sobretudo nas áreas técnicas e sociais", afirma Pazeto.

• Qual o percurso percorrido por um cometa, satélite ou asteroide ao longo de sua existência? Questões como essa foram amplamente debatidas durante o VI Colóquio Brasileiro de Dinâmica Orbital, realizado entre os dias 23 e 26 de novembro, na estância de São Pedro, a 175km da Capital Paulista.

Em sua sexta edição, o evento, bianual, contou com a participação de pesquisadores das universidades e instituições de pesquisa de todo o país e de especialistas do Uruguai e Argentina. Quem prestigiou a reunião, organizada pelo Departamento de Estatística, Matemática Aplicada e Computacional do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) do câmpus de Rio Claro, viu de perto dezenas de trabalhos e painéis relacionados à Astronomia e assistiu a conferências e minicursos proferidos por renomados cientistas da área.

• "Segurança no trabalho com agrotóxicos: avaliação e controle do risco de intoxicação." Com esse título, o trabalho do professor Joaquim Gonçalves Neto, do Departamento de Defesa Fitosanitária da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias do câmpus de Jaboticabal, levou o primeiro lugar no "I prêmio Brasil-Anest de trabalhos tecnológicos e científicos em segurança e medicina do trabalho", concurso promovido pela Associação Ibero-americana de Engenharia de Segurança do Trabalho (Aiest) e Associação Nacional de Engenharia de Segurança do Trabalho (Anest).

Machado Neto recebeu o prêmio no dia 26 de novembro. Seu trabalho será publicado na revista *Proteção*, e servirá de subsídio para a nova portaria do Ministério do Trabalho que regulamentará o uso de equipamentos de proteção individual no trabalho com agrotóxicos.

• A Coordenadoria de Planejamento, Orçamento e Contabilidade promoveu, conjuntamente com o Serviço de Finanças da Reitoria, o I Encontro de Contabilistas da UNESP, realizado entre os últimos dias 11 e 14 de novembro, na colônia de férias "Rui Fonseca", do Sesc, em Bertioga, litoral de São Paulo.

O evento reuniu cerca de 90 participantes de praticamente todos os câmpus da UNESP. Na ocasião, discutiu-se, entre outros temas, o papel do contador nos órgãos públicos, a importância da informatização da área contábil, a necessidade de se uniformizar e integrar o sistema contábil da Universidade e o plano de carreira da categoria dentro da UNESP. "O debate e a reciclagem de conhecimentos é fundamental para a formação do profissional e para seu bom desempenho", acredita Cleide Alves, coordenadora da Comissão Organizadora, que considerou o saldo do acontecimento "extremamente positivo".

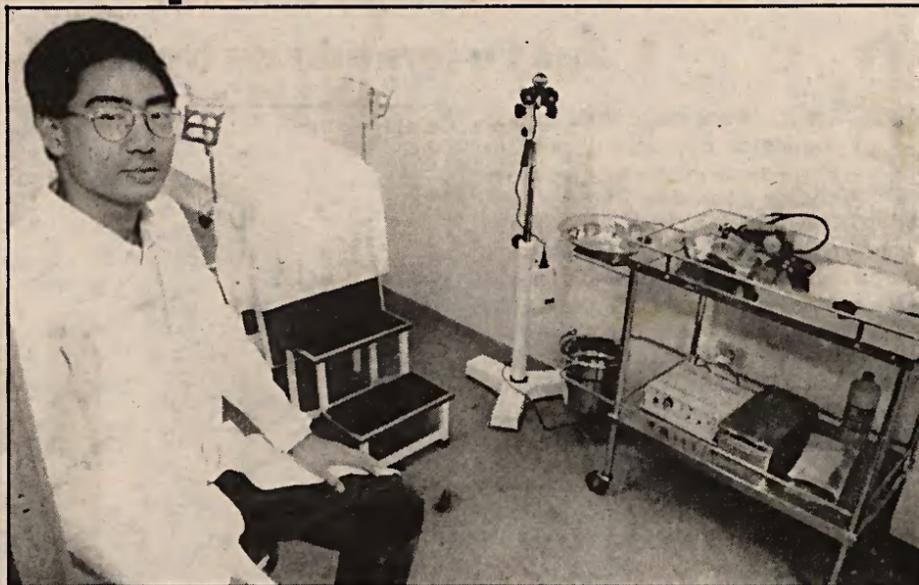
O encontro, que deve realizar-se a cada dois anos, foi patrocinado pelo Banco do Estado de São Paulo (Banespa) e contou com a participação de Oswaldo Cresta, da Secretaria da Fazenda; Léo Sebastião Lopes e Emídio Pereira Nobre, do Tribunal de Contas; e de José Arlindo César Rosas, contador do Estado.

Serviço médico põe a saúde em dia

Esse fim de ano reservou boas notícias para o setor de saúde da UNESP. No segundo andar do prédio de nº 96 da Praça da Sé, ao lado da Reitoria, já está funcionando, desde o dia 3 de novembro, a Unamos, Unidade de Atendimento Médico-Odontológico-Social, de São Paulo. Esse serviço visa ao atendimento de funcionários, docentes e alunos da UNESP e de seus dependentes. Disposta em cinco salas, a nova Unidade abrange as áreas básicas de pediatria, ginecologia, clínica geral e assistência social, sob responsabilidade dos médicos Rosana Lobo, In Bum Quim e Daniel Capuano, da assistente social Celi de Resende e da secretária Jaqueline Teixeira. O serviço odontológico ainda não tem prazo para ser instalado.

Ainda pouco conhecida, a Unidade tem atendido cerca de sete pessoas por dia. Eliana do Carmo Robis, funcionária da Pró-Reitoria de Graduação, levou o filho Rodolfo, de apenas oito dias, para fazer seu primeiro exame fora da maternidade e diz que vai ficar cliente. "Fui tão bem atendida que pretendo usar a Unamos para fazer todo o acompanhamento do bebê", elogia.

Desenvolvido a partir da proposta de gestão do reitor, professor Paulo Landim, o projeto Unamos já foi implantado nos câmpus de Araraquara, Jaboticabal, Araçatuba, Rio Claro, Presidente Prudente e Bauru. Outra inauguração fica por conta da unidade do câmpus de Franca, que começa a funcionar agora em dezembro. Em janeiro de 1993 será a vez da Unamos de Guaratinguetá, composta por dois ambulatórios e consultório dentário, o setor mais difícil de ser implantado. Segundo o Dr. Nivaldo Edson de Mello, responsável pela operacionalização das unidades,



Dr. In Bum Quim, da Unamos: atendimento à comunidade e a seus dependentes

a implantação dos serviços de odontologia depende das condições de infra-estrutura de cada câmpus. "Fizemos concursos em todos os câmpus para a contratação dos profissionais que, aos poucos, irão tomando posse em suas unidades", comenta.

Mas serviço odontológico não é problema para o câmpus de Araraquara, berço de dentistas. Funcionando desde agosto de 1990, essa Unidade foi a pioneira do projeto. "Hoje, estamos repassando informações sobre a nossa experiência bem sucedida para os outros câmpus", afir-

ma o professor Luís Roberto de Toledo Ramalho, diretor da Faculdade de Odontologia de Araraquara e um dos coordenadores dos trabalhos da Unamos. Ramalho enfatiza, ainda, a atuação das unidades junto à comunidade através de programas de saúde envolvendo vacinação, prevenção de doenças contagiosas e esclarecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis. "Nosso objetivo básico é a prestação de atendimento primário, que visa à prevenção dos problemas de saúde", conclui. O telefone da Unamos de São Paulo é (011) 32-7171, ramal 1.209.

POSSES



O vice Mauro e o diretor Melios: IQ



Odette e Manoel: posses na FAAC

Unidades elegem diretores

Duas posses movimentaram a Reitoria no mês de novembro. No dia 18, na presença do Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, professor Antônio Manoel dos Santos Silva, do Pró-Reitor de Graduação, professor Antônio César Perri de Carvalho, e de representantes dos docentes, alunos e funcionários do Instituto de Química (IQ) de Araraquara, foram empossados pelo reitor, professor Paulo Landim, o novo diretor do IQ, professor Cristo Bladimiro Melios, e seu vice, professor Antônio Eduardo Mauro. Eles substituem, respectivamente, os professores Antônio Carlos Massabni e Nilso Barelli. Em suas primeiras palavras como diretor, Melios elogiou o trabalho de Massabni e ressaltou que a idéia-chave de seu mandato é o salto de qualidade. "Minhas prioridades são a ampliação e a manutenção da biblioteca, a criação de infra-estrutura para os laboratórios de pesquisa e ensino e a conquista de

benefícios para funcionários e alunos carentes", enfatizou.

No dia 24, foi a vez dos professores Ivan Aparecido Manoel e Odette Penha Coelho assumirem, respectivamente, a direção e a vice-direção da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) do câmpus de Bauru. Na presença do vice-reitor, professor Arthur Roquete de Macedo, e do Pró-reitor de Graduação, professor Antônio César Perri de Carvalho, o reitor, professor Paulo Landim, lembrou que os substitutos da professora Lúcia Helena Gerardi, diretora *pró-tempore*, foram os primeiros a serem escolhidos depois da institucionalização da FAAC. Segundo o novo diretor, sua administração será baseada na adição, na multiplicação e na socialização. "Sou um produto elaborado desde a origem pela UNESP, como aluno, professor e funcionário", comentou. "Só espero ser um produto satisfatório."

SERVIÇO

Fapesp facilita vida de bolsistas

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) está implantando, desde agosto último, um serviço especial de atendimento aos docentes e bolsistas das universidades estaduais paulistas, UNESP, USP e Unicamp. Com o novo sistema, os pesquisadores já não precisarão locomover-se até a sede da Fapesp, na Capital, para entregar os formulários de pedidos de bolsas, de auxílio à pesquisa ou de publicação de livros.

Para viabilizar a operação, a Fapesp tem realizado estágios com funcionários das próprias universidades, que ficarão encarregados de servir de "ponte" entre as partes. "O método vai dinamizar o processo operacional e reduzir a burocracia", comenta Paulo Ribeiro de Almeida, diretor administrativo da Fapesp.

Na UNESP, o câmpus de Jaboticabal foi o primeiro a se beneficiar do sistema em atividade desde agosto. "Cerca de 25 pessoas recorrem ao serviço a cada semana", afirma Cleide Trisólio, funcionária encarregada de repassar a documentação à Fapesp. De acordo com Paulo de Almeida, das três universidades públicas estaduais, a UNESP é a que apresenta maiores dificuldades para a implantação do sistema, devido à sua distribuição por praticamente todas as regiões do Estado. "O próximo câmpus a poder usufruir desse serviço será o de Botucatu, onde se concentram faculdades de peso, como Medicina Veterinária e Ciências Agrárias", diz o diretor. "Os demais câmpus serão atendidos a médio e longo prazos".

Arte depois do expediente

Após a jornada de trabalho, eles pintam, tocam e dançam

Pintar, desenhar, dançar ou tocar instrumentos não é privilégio de profissionais. Se você prestar atenção, vai encontrar à sua volta inúmeros artistas anônimos, diletantes que driblam a falta de tempo e o cansaço após uma jornada de trabalho para cultivarem seu lado criativo. Com isso, eles espantam o mau humor e tornam seu dia-a-dia mais alegre e cheio de energia.

Pincéis, tintas e telas fazem parte da vida de José Carlos Rezende, 35 anos, casado, dois filhos, formado em Direito e escriturário da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) do câmpus de Franca, desde 1975. "Peguei gosto pela pintura no colegial e nunca mais larguei", conta Rezende, que retrata em suas telas paisagens, naturezas mortas, casarões e igrejas antigas da cidade. Autodidata e "viciado" em arte, ele tem uma "galeria" em sua própria casa: são mais de quarenta quadros, de diversos tamanhos e temas, que ele se recusa a vender. "A pintura é indispensável à minha vida, é o meu canal de comunicação com o mundo", comenta o advogado-artista.

Assim como José Carlos Rezende, o técnico do laboratório da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) de Bauru, Ulisses Perseguium, 58 anos, considera-se um amante das artes e pensa um dia dedicar-se somente à escultura. "Comecei a produzir peças por brincadeira há 10 anos", lembra Ulisses, que antes de descobrir a escultura dedicava-se à pintura e xilogravura. Utilizando sucata, metais retorcidos e uma solda elétrica, Perseguium produz objetos que, se não maracam críticos e *marchands*, fazem a alegria de seus quatro netos: são locomotivas, robôs, instrumentos musicais e automóveis antigos que, somados, ultrapassam 300 peças, algumas vendidas, outras presenteadas a amigos e familiares. "Esculpir, dar forma à matéria bruta proporciona um prazer indescritível", comenta o artista, que já expôs suas obras nas praças públicas de Bauru e em outras exposições promovidas pela própria UNESP.

VIDA NO PALCO

Se alguns encontram satisfação em preencher telas em branco e dar forma a sucatas, outros preferem construir personagens e representar comédias e dramas cotidianos nos palcos do teatro. É o caso de Fernando César Ferreira, 29 anos, formado em Letras e auxiliar de biblioteca do câmpus de Assis. "Dirigindo peças eu me realizo integralmente", declara Fernando, que há três anos trabalha com um grupo formado por alunos do primeiro ano do curso de Letras da UNESP. Integrado por seis pessoas, o "Atekinfim" exhibe peças escritas pelo próprio diretor em ocasiões como a "Semana do Calouro", realizada nos meses de março. Apesar da falta de recursos, o grupo ensaia duas vezes por semana, em espaços cedidos pela UNESP. Além de escrever e dirigir peças, Fernando escreve contos e crônicas, publicadas em jornais locais. "Todo mundo tem potencial criativo", arrisca.

Adotando como lema de vida o velho dito popular segundo o qual "quem canta seus males espanta", o paulistano Abel Corino da Fonseca Neto, 30 anos, operador de telex da Reitoria, estudante do último ano de Química na Faculdade Oswaldo Cruz, adotou o canto e a dança para viver sempre em "alto astral". Há oito anos, desde que se converteu à religião ortodoxa russa, Abel participa do coral de sua igreja e integra o grupo de dança folclórica russa "Troyka" (três cavalos puxando um trenó). Chova ou faça sol, ele se reúne todos os finais de



Isabel, da CGI: a dança como resgate das origens espanholas

semana com sua turma para aperfeiçoar sua arte. "Quando danço e canto, esqueço de todos os problemas. É uma verdadeira higiene mental", explica. O "Troyka" apresenta-se em eventos variados. "Já participamos de várias festas organizadas pelas embaixadas estrangeiras em Brasília", lembra, com satisfação.

A analista de sistemas da Coordenadoria Geral de Informática da Reitoria, Isabel Torrente Perez Pires, 27 anos, formada em Administração de Empresas, também optou pela dança para "recarregar as baterias". "Dançar, além de ser uma terapia, é uma forma de resgatar e preservar minhas origens", comenta. Há dois anos, Isabel, filha de imigrantes espanhóis, integra o grupo folclórico "Puerta del Sol", fundado há

melodias de Richard Clayderman. "A música enriquece o meu dia-a-dia", avalia Cristiane, que se dedica ao instrumento há seis anos, incentivada pela irmã, professora de piano.

Paulo César Braga de Abreu e Lima, 27 anos, professor de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia (FO) de Araraquara, é outro que fez da música uma grande companhia para as horas de lazer. Lima é exímio saxofonista, pianista e violonista — instrumentos que aprendeu a tocar sozinho, na adolescência. Apesar de trabalhar em período integral, ele sempre deixa um tempinho livre para dedicar-se às suas paixões. "A música é uma linguagem universal, que sensibiliza o ser humano e integra as pessoas, proporcionando uma intensa troca de energia", diz o professor. "Quan-



Perseguium, de Bauru: pintura e escultura

do toco, entro em outro universo, do qual volto revitalizado."

do toco, entro em outro universo, do qual volto revitalizado."

CONFORTO ESPIRITUAL

O câmpus de Rio Preto está repleto de talentos musicais. Álvaro Hatner, professor de Letras Modernas, por exemplo, é baixista; José Maria de Lima, professor de Francês, toca teclados, e Sebastião Izar, professor de Matemática, dedica-se à flauta. Unidos, eles integram o "Macunaíma", grupo instrumental formado há dois anos. O grupo participa de oficinas culturais na cidade e não mede esforços para se aprimorar. "Meu sonho é ser músico em tempo integral", confessa José Maria de Lima. "Só não fiz a opção por pressão da família, que achava que música não dava dinheiro", lembra. Fã incondicional de John Coltrane, Gershwin, Miles Davis e Villa-Lobos, Lima fala da música com emoção. "Tocar é o máximo. A música reconforta espiritualmente, atinge a essência do ser humano e proporciona tranquilidade e alegria de viver", diz.

Ao buscarem "válvulas de escape" para os afazeres muitas vezes repetitivos do dia-a-dia, essas pessoas, na verdade, dão vazão, cada qual à sua maneira, a um impulso ancestral do homem, incapaz de satisfazer-se apenas com a luta pela sobrevivência. "A expressão artística é uma espécie de catarse, que libera as pessoas de seus problemas cotidianos", considera a psicóloga Marília Muylaert, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) do câmpus de Assis. "É uma atitude saudável para o corpo e para a mente."

Emi Shimma

A "família" que canta unida...

Das canções medievais espanholas aos lundus baianos, passando por praticamente toda a música popular brasileira, eles cantam um pouco de tudo. Os cantores que integram o Coral da Reitoria, criado em 1980 por Helena Lobo, funcionária aposentada da UNESP, recentemente falecida, são versáteis, animados e muito unidos — "uma grande família", como gostam de ser chamados. Todas as terças e quintas-feiras, eles se reúnem para soltar a voz e a emoção. "As pessoas não querem viver somente para o trabalho. Elas sentem necessidade de uma atividade criativa em seu cotidiano", comenta Edilson Vicente de Lima, regente do Coral da Reitoria há dois anos. "O Coral quebra a burocracia da Reitoria", observa Lima, que faz o curso de Composição e Regência no Instituto de Artes IA da UNESP.

Para o diretor artístico do Coral da UNESP, Samuel Kerr, o Coral da Reitoria pro-



Coral da Reitoria: repertório eclético

move a formação do aluno do IA e desenvolve nos funcionários seu potencial artístico. "A Universidade tem obrigação de incentivar a arte em todos os setores da sociedade", diz.

Com uma formação que oscila entre 15 e 40 elementos, de 20 a 60 anos de idade, o

Coral da Reitoria se apresenta com regularidade em locais como o Museu do Ipiranga, Casa Modernista, Museu de Arte Sacra e faculdades particulares. "Dependendo do evento, a gente pode cantar desde "Rancho Fundo", de Lamartine Babo e Ari Barroso, até "Ave Maria", de Gounod", conta Edilson de Lima.

Para quem faz parte do Coral, tudo é festa. "É uma oportunidade de fazer novos amigos, educar a voz e viajar", entusiasma-se a contralto Dirce da Conceição da Silva, 33 anos, oficial administrativa do Departamento de Recursos Humanos, que participa do Coral há nove anos. Para Terezinha de Jesus Ribeiro, 60 anos, auxiliar de serviços gerais e uma das fundadoras do Coral, o grupo sugere uma imensa família. "Quero cantar o resto da vida", conclui.

(E.S.)